

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS  
ESCOLA NORMAL SUPERIOR  
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

**ATUAÇÃO DO(A) PEDAGOGO(A) NO MUSEU AMAZÔNICO DA CIDADE DE  
MANAUS**

MANAUS/AM  
2024

LORENA NOGUEIRA FÉLIX

**ATUAÇÃO DO(A) PEDAGOGO(A) NO MUSEU AMAZÔNICO DA CIDADE DE  
MANAUS**

Trabalho de Conclusão de Curso - TCC  
apresentado como exigência para avaliação  
parcial da disciplina Pesquisa e Prática  
Pedagógica II, do curso de Licenciatura em  
Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Raimundo Sidnei dos  
Santos Campos.

Coorientadora: Profa. Ma. Natália de  
Souza Paiva

MANAUS/AM  
2024

## Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).  
**Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade do Estado do Amazonas.**

F316a Félix, Lorena Nogueira  
Atuação do(a) pedagogo(a) no Museu Amazônico da cidade de Manaus / Lorena Nogueira Félix . Manaus : [s.n], 2024.  
61 f.: color.; 21,0 cm.

TCC - Graduação em Pedagogia- Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2024.  
Orientador: Campos, Raimundo Sidnei dos Santos.  
Coorientador: Paiva, Nataliana de Souza.

1. Educação Museal. 2. Espaços Não Escolares. 3. Pedagogia. 4. Museu Amazônico. I. Campos, Raimundo Sidnei dos Santos (Orient.) II . Paiva, Nataliana de Souza (Coorient.) III. Universidade do Estado do Amazonas. IV. Título

CDU(1997)37.01

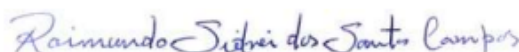
LORENA NOGUEIRA FÉLIX

**ATUAÇÃO DO(A) PEDAGOGO(A) NO MUSEU AMAZÔNICO DA CIDADE DE  
MANAUS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
ao Curso de Licenciatura em Pedagogia para  
obtenção do título de Licenciado em  
Pedagogia da Universidade do Estado do  
Amazonas da Escola Normal Superior.

Manaus, 25 de julho de 2024.

**BANCA EXAMINADORA:**



---

Prof. Dr. Raimundo Sidnei dos Santos Campos  
Universidade do Estado do Amazonas – UEA/ENS  
Orientador



---

Profa. Ma. Nataliana de Souza Paiva  
Universidade do Estado do Amazonas – UEA/ENS  
Coorientadora



---

Profa. Dra. Maria Edeluza Ferreira Pinto de Moura  
Universidade do Estado do Amazonas – UEA/ENS  
Avaliadora interna



---

Prof. Dr. Edilberto Santos Moura  
Universidade Federal do Amazonas – UFAM  
Avaliador externo

“A memória é uma evocação do passado.  
É a capacidade humana de reter e guardar  
o tempo que se foi, salvando-o da perda total.”  
Marilena Chauí

## **AGRADECIMENTOS**

À minha família que sempre prestou apoio, e compreensão durante essa jornada da graduação.

Aos meus professores e seus compartilhamentos de conhecimento durante esta formação.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Raimundo Sidnei por seu apoio, paciência e todo seu incentivo em relação a minha pesquisa. Sua dedicação e suporte foram cruciais para o desenvolvimento desta pesquisa.

À Profa. Dra. Carolina Brandão pedagoga do Museu Amazônico, por seu tempo cedido, conversas, recomendações e sugestões e materiais socializados, sua contribuição foi significativa para este trabalho.

A Universidade do Estado do Amazonas pela estrutura e recursos que disponibilizaram durante todo o período da graduação.

## RESUMO

O presente trabalho aborda a atuação do(a) pedagogo(a) no Museu Amazônico da cidade de Manaus. O interesse pela temática surgiu pela curiosidade de entender como o pedagogo se situa nos espaços do museu e como ele pode contribuir para além do ambiente escolar. Trata-se de uma investigação sobre como se efetiva a atuação do pedagogo no Museu Amazônico e como esta pode contribuir para a sociedade que está inserida. A pesquisa teve como objetivo geral investigar a atuação profissional do pedagogo no Museu Amazônico, enquanto um espaço de cultura e de educação. Delineiam-se os seguintes objetivos específicos: conhecer o Museu como espaço de cultura, educação e de práticas pedagógicas; compreender a atuação do pedagogo nos espaços museológicos; investigar as especificidades da atuação do Pedagogo no Museu Amazônico. A metodologia baseou-se numa pesquisa de abordagem qualitativa em educação, com pesquisa bibliográfica exploratória e estudo documental de arquivos públicos, documentos do museu e conteúdo da rede social *Instagram* do museu. Para a coleta e análise dos dados utilizou-se o paradigma indiciário de Carlo Ginzburg (1989), um método interpretativo. Os resultados apontaram que o museu é um espaço de divulgação científica e promoção de saberes, e a pedagogia neste campo se faz essencial para mediar os saberes da ciência e adaptá-las ao público. O Museu possui ainda o papel de divulgador de saberes amazônicos/indígenas para todas as faixas etárias. Nele há um trabalho para inserir a população na arte, registrando atividades tanto no museu quanto em outros locais. Este estudo mostrou que a atuação do pedagogo no Museu Amazônico é fundamental durante o planejamento de atividades e no desenvolvimento das práticas pedagógicas. Nota-se que o profissional da pedagogia precisa estar em constante formação para promoção de práticas pedagógicas. O trabalho do pedagogo não é individual, ele media atividades e projetos, juntamente com escolas, artistas e pesquisadores.

**Palavras-Chave:** Educação Museal. Espaços Não Escolares. Pedagogia.

## ABSTRACT

This work addresses the role of the pedagogue at the Amazon Museum in the city of Manaus. The interest in the theme arose out of the curiosity to understand how the pedagogue is located in the museum spaces and how he can contribute beyond the school environment. This is an investigation into how the pedagogue works at the Amazon Museum and how it can contribute to the society in which it is located. The research had the general objective of investigating the professional performance of the pedagogue at the Amazon Museum, as a space for culture and education. The following specific objectives are outlined: to understand the Museum as a space for culture, education and pedagogical practices; understand the role of the pedagogue in museum spaces; investigate the specificities of the Pedagogue's work at the Amazon Museum. The methodology was based on a qualitative research approach in education, with exploratory bibliographical research and documentary study of public archives, museum documents and content from the museum's Instagram social network. For data collection and analysis, Carlo Ginzburg's evidentiary paradigm (1989) was used, an interpretative method. The results showed that the museum is a space for scientific dissemination and promotion of knowledge, and pedagogy in this field is essential to mediate scientific knowledge and adapt it to the public. The Museum also has the role of disseminating Amazonian/indigenous knowledge for all age groups. There is work to involve the population in art, recording activities both in the museum and in other places. This study showed that the role of the pedagogue at the Amazon Museum is fundamental during the planning of activities and the development of pedagogical practices. It is noted that the pedagogy professional needs to be in constant training to promote pedagogical practices. The pedagogue's work is not individual, he mediates activities and projects, together with schools, artists and researchers.

**Keyword:** Museum Education. Non-School Spaces. Pedagogy.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Prédio do Museu Amazônico .....	33
Figura 2 – Adereços no Ritual da Moça Nova – Museu Amazônico .....	35
Figura 3 – Fóssil do Purussaurus brasiliensis – Museu Amazônico .....	35
Figura 4 - Atividade com crianças de uma creche.....	40
Figura 5 - Projeto de Extensão .....	42
Figura 6 - Informativo sobre IST's .....	42
Figura 7 - Postagem com informe sobre experimentos .....	44
Figura 8 - Projeto Musical - Arraial de Manaós .....	44
Figura 9 - Exposição de obras produzidas pelas etnias Dessana e Sateré Mawé .....	44
Figura 10 - Projeto Ciranda Literária .....	46
Figura 11 – Postagem de inscrição para a Oficina de Produção Audiovisual (OPA) .....	46
Figura 12 - Programação da 17ª Primavera dos Museus .....	47
Figura 13 - Projeto Rodas de Leitura Manauaras.....	48
Figura 14 - Programação da 21ª Semana Nacional de Museus .....	49
Figura 15 - Postagem de homenagem ao Dia Internacional das Mulheres .....	52

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>CAPÍTULO I - O MUSEU COMO ESPAÇO DE EDUCAÇÃO E O PROCESSO DE TRABALHO DO PEDAGOGO</b> .....	16
1.1 Pedagogia em Espaços Não Escolares .....	17
1.2 Museus como Espaços Educativos e de Práticas Pedagógicas.....	20
1.3 Instituição Museu .....	26
1.4 O Papel do Pedagogo nos Museus .....	29
<b>CAPÍTULO II - A ATUAÇÃO DO(A) PEDAGOGO(A) NO MUSEU AMAZÔNICO</b> .....	33
2.1 Histórico do Museu Amazônico .....	33
2.2 O trabalho do pedagogo no Museu Amazônico .....	36
2.3 <i>Instagram</i> do Museu Amazônico .....	43
2.4 Divulgação científica no Museu Amazônico.....	50
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	54
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	57

## INTRODUÇÃO

A atuação do pedagogo em espaços não escolares abrange campos diversos e tem produzido reflexões e discussões sobre o tema que, por sua vez, tem sido objeto de estudos e pesquisas. O exercício da profissão pedagogo ultrapassa o ambiente escolar e ganha força na sociedade contemporânea.

A pedagogia compreendida como ciência que estuda a educação revela possibilidades para pensar e investigar os campos de atuação do profissional pedagogo em ambientes escolares e não escolares.

O interesse pelo estudo nasceu da inquietude e da curiosidade de entender como o pedagogo se situa nos espaços dos museus, especialmente pela necessidade de conhecer o campo de atuação do pedagogo no Museu Amazônico, situado na cidade de Manaus. A escolha desse espaço como objeto de estudo se deve à necessidade de compreender o pedagogo, como profissional da educação, que pode contribuir para além da sala de aula e do ambiente escolar.

Segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia de 2006, consegue-se visualizar que a formação do pedagogo possibilita estar em ambientes formais, informais e/ou lugares que as práticas pedagógicas, as relações sociais, valores éticos, psicológicos, linguísticos, jurídicos, políticos e econômicos possam ser desenvolvidos.

A partir dessa constatação se vê a necessidade da propagação de informações sobre em quais áreas o pedagogo pode atuar, como esse trabalho é realizado e como pode contribuir para a sociedade em que estamos inseridos. Nesse sentido, a pesquisa move-se pela seguinte questão: como se efetiva a atuação profissional do(a) Pedagogo(a) no Museu Amazônico da cidade de Manaus?

O objetivo geral da pesquisa é investigar a atuação profissional do Pedagogo no Museu Amazônico, enquanto um espaço de cultura e de educação. Para alcançar esse objetivo, delineiam-se os seguintes objetivos específicos: conhecer o Museu como espaço de cultura, educação e de práticas pedagógicas; compreender a atuação do pedagogo nos espaços museológicos; investigar as especificidades da atuação do Pedagogo no Museu Amazônico.

O Museu Amazônico foi lócus da pesquisa. O museu é vinculado a Universidade Federal do Amazonas (UFAM) e possui um acervo formado por vários artefatos arqueológicos, etnográficos e exemplares da cultura popular amazônica.

A investigação se materializou a partir da metodologia de pesquisa qualitativa em educação, baseada numa revisão bibliográfica exploratória e no enfoque documental, fundamentado no paradigma indiciário de Carlo Ginzburg (1989).

Esse método examina pistas, sinais ou indícios, em que o pesquisador durante a investigação deve observar os detalhes, pois são estes que fornecem informações importantes. E cabe ao pesquisador considerar as pistas oferecidas pela realidade para lhe desvendar e compreender. O método indiciário possibilita explorar as características do objeto de estudo, levando em consideração suas possíveis particularidades (Ginzburg, 1989).

Inicialmente, baseados na pesquisa bibliográfica, tida como uma base para a construção da pesquisa científica por permitir a compreensão dos fenômenos em estudos (Sousa, Oliveira e Alves, 2021), realizou-se um levantamento bibliográfico para conhecer estudos sobre o tema e se aproximando de teóricos que discutem a pedagogia em espaços não escolares e a atuação do pedagogo em museus.

A pesquisa se baseia nos estudos do assunto que já foram publicados, sendo assim, é fundamental que o pesquisador se aprofunde em sua leitura e conhecimento para então sistematizar todo o material analisado (Sousa, Oliveira, Alves, 2021), ao realizar a pesquisa bibliográfica, lê-se, reflete-se e escreve-se sobre os estudos realizados.

A pesquisa bibliográfica se realiza pelos registros que se tem disponíveis em pesquisas que já foram realizadas, por meio de documentos impressos, como livros, artigos, teses, entre outros. Para Severino (2007, p. 122), “Os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados. O pesquisador trabalha a partir de contribuições dos autores dos estudos analíticos constantes dos textos”.

Após a vasta pesquisa e minuciosa escolha de fontes referentes ao assunto, para a atual pesquisa, foi a hora de descrever as informações com muito cuidado, descrevendo todas as informações pertinentes e que enriqueceriam esta pesquisa, buscando conceitos, ideias, reflexões, documentos e comprovações para fundamentar a pesquisa.

Em seguida, considerando a ínfima produção de estudos e pesquisas sobre o tema no contexto amazonense, procedeu-se, a coleta de dados com base no

paradigma indiciário. Nessa perspectiva, vasculharam-se os arquivos públicos do museu e buscaram-se pistas na rede social *Instagram* do museu.

Ginzburg (1989) propõe um rigor flexível na investigação por meio do Paradigma Indiciário, ou seja, um método interpretativo, que explora exaustivamente as fontes e os detalhes que emergem no contexto estudado.

No Paradigma Indiciário a busca e a interpretação dos dados compreendidos com indícios, pistas e sinais dependem do olhar atento do pesquisador e dos detalhes que aparecem na investigação. Nesse paradigma, o pesquisador é farejador e investigador, que segue suas intuições e considera aspectos, que às vezes, são negligenciados nos contextos das investigações. (Ginzburg, 1989).

Durante a pesquisa de documentos observou-se uma abundância de tipos de documentos escritos e inúmeras maneiras de agrupá-los em ordens e subordens. Conforme Cellard (2012), de modo geral, os documentos podem ser divididos em dois grandes grupos: os arquivados e os não arquivados. A natureza da documentação, seja de domínio público ou privado, é irrelevante para essa categorização.

Esta pesquisa se aprofundou no primeiro grupo citado, os documentos públicos não arquivados que, de acordo com Cellard (2012), “incluem, entre outros, os jornais, revistas, periódicos, e vários outros documentos distribuídos: publicidade, anúncios, tratados, circulares, boletins paroquiais, anuários telefônicos, etc.” Nesta pesquisa em questão, houve uma pesquisa em sites, relatórios, rede social, regimentos, editais, publicações.

Cellard (2012) discorre sobre a concepção da análise destacando que, anteriormente, apenas textos e arquivos oficiais eram considerados documentos. Essa definição se originava principalmente da abordagem histórica adotada por grande parte dos autores da época, que focava em eventos conjunturais e figuras políticas importantes. Com a evolução do contexto histórico, houve uma mudança para uma abordagem mais abrangente da história social, ampliando significativamente a noção de documento.

Desse modo, todo testemunho do passado passou a ser considerado como documento e fonte, incluindo tanto textos escritos quanto documentos de natureza iconográfica e cinematográfica, bem como qualquer outro testemunho registrado, “[...] objetos do cotidiano, elementos folclóricos, etc. No limite, pode-se ir até

qualificar de ‘documento’ um relatório de entrevista, ou anotações feitas durante uma observação, etc.[...]” (Cellard, 2012).

Cellard, então, traz a concepção de documento consistindo em todo texto, impresso, manuscrito ou escrito, registrado no papel. Mais precisamente, consideraremos as fontes, primárias ou secundárias, que por definição são exploradas – e não criadas - no contexto de procedimento da pesquisa.

Há uma abundância de fontes documentais, nas quais sua variedade só não é maior que as informações que contém. A pesquisa documental desde o seu início exige do pesquisador um esforço obstinado e habilidoso, para reconhecer os depósitos de arquivos e das possíveis fontes de informação, não somente para o objeto de pesquisa, mas para o questionamento e verificação de veracidade, logo, é uma ação necessária, realizar a coleta e o exame detalhado das fontes documentais antecipadamente identificadas (Cellard, 2012).

Cellard (2012) apresenta uma análise preliminar sobre o exame e a crítica de documentos. Em casos onde o documento não pode ser alterado, o pesquisador deve aceitá-lo tal como é, mesmo que esteja incompleto, parcial ou impreciso. É essencial compor suas fontes documentais, mesmo as mais deficientes, pois geralmente são as únicas capazes de esclarecer determinadas situações relativas ao objeto de pesquisa. No entanto, ao utilizar essas fontes, é imprescindível avaliá-las de forma crítica, pois essa avaliação constrói a primeira etapa do processo de análise documental. O processo de análise documental utilizado nesta pesquisa foi dividido em cinco dimensões, conforme descrito por Cellard (2012):

- Contexto: Analisa o contexto global em que o documento foi produzido, incluindo a vivência do autor e o propósito do documento.
- Autor ou autores: Examina os interesses e motivos dos autores, e se o documento representa um indivíduo, grupo social ou instituição.
- Autenticidade e confiabilidade do texto: Verifica a veracidade das informações apresentadas e a procedência das fontes.
- Natureza do texto: Analisa a abordagem do autor em relação aos assuntos tratados, identificando subentendidos e fatores que possam alterar a estrutura do texto, como em documentos teológicos, médicos e jurídicos.

- Análise: Após a análise preliminar, reúne-se todas as partes, incluindo elementos da problemática, quadro teórico, contexto, autores, interesses, confiabilidade e natureza do texto, bem como conceitos-chave, para obter uma interpretação coerente, levando em consideração a temática e o questionamento inicial.

A rede social utilizada para a coleta de dados foi o *Instagram*, criado em 2010, pelos profissionais Kevin Systrom e pelo brasileiro Mike Krieger, o objetivo do aplicativo, conforme afirmado pelos próprios desenvolvedores, era evocar a nostalgia das clássicas câmeras polaroides, que revelavam as fotos instantaneamente após o clique (Piza, 2012). Mesmo com a função de câmera, que permite que o usuário tire fotos diretamente no aplicativo, o *Instagram* é amplamente utilizado para o compartilhamento de imagens. Os usuários podem tirar fotos com seus aparelhos celulares, utilizar imagens já salvas na galeria do aparelho ou compartilhar fotos tiradas com outros dispositivos, como câmeras fotográficas digitais (Piza, 2012).

Nesta rede social, analisou-se as publicações do Museu Amazônico no período de janeiro a julho de 2024, a primeira impressão é de que há diversas publicações na página, até a data desta pesquisa o museu acumulava um total de 812 publicações e 8.737 seguidores, público que interage e visualiza as postagens do museu. Em uma rápida visualização da página, analisa-se o conteúdo que se encontra é riquíssimo, bastante diversificado havendo fotos/vídeos sobre as atividades que aconteceram no museu, a exemplo, rodas de conversas, filmes exibidos, visitas de alunos dos anos iniciais e universitários, exposições, informes, postagens educativas (foto ilustrada com conteúdo educacional) entre outros diversos eventos e atividades.

A pesquisa então se deu por meio da verificação dessas postagens e organização dos materiais didáticos virtuais onde se localiza o trabalho pedagógico das ações, seja em uma postagem que fale sobre Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) e quais os sintomas, como também em rodas de leitura, rodas de conversa e eventos nacionais envolvendo o Museu.

Portanto, foi realizada uma busca por documentos sobre o Museu Amazônico e um rastreamento das atividades em sua rede social para um melhor entendimento das atividades realizadas neste local, pois é uma ferramenta que passou a possibilitar fácil compartilhamento de registro tendo um impacto positivo, pois

abrange a documentação por imagem, compreende-se a forma de como o museu trabalha em seus eventos, exposições e sua divulgação. É uma fonte enriquecedora sobre o local, e suas tendências, portanto agrega nesta pesquisa. Assim, esta pesquisa se utiliza desta plataforma para o estudo das programações realizadas e como o local do museu pode ser utilizado como espaço pedagógico.

Também foram realizadas conversas com a pedagoga em uma observação participante, durante visitas técnicas proporcionadas ao longo de disciplinas anteriores, além dos documentos públicos e da rede social, nesses momentos de socialização dúvidas foram sanadas e investigadas para, deste modo, chegar nesta pesquisa e compreender as práticas do pedagogo neste espaço.

Dessa forma, o presente trabalho está organizado em dois capítulos. O Capítulo I inicia apresentando o referencial teórico sobre o tema em questão, o papel do pedagogo, e a pedagogia em espaços não escolares, dialogando e expondo o pensamento de autores desse assunto, trazendo elementos para conhecimento do tema.

O capítulo II se refere a atuação do pedagogo no Museu Amazônico, com o objetivo de conhecer o trabalho e as especificidades de sua atuação nesse ambiente, além de conhecer a função do museu amazônico como espaço pedagógico, investigando, assim, por meio de uma pesquisa documental e bibliográfica exploratória sobre o museu e suas práticas pedagógicas.

É de amplo interesse no meio acadêmico se aprofundar mais sobre o tema de espaços não escolares. O pedagogo na universidade tem uma formação que tende direcioná-lo para a educação escolar (formal), entretanto esse seu conhecimento adquirido na graduação o permite atuar em espaços não escolares (não formais), pois ao finalizar a graduação ele não se torna unicamente professor de sala de aula, ele se torna um pedagogo, profissional apto para atuar em diferentes espaços educativos.

## **CAPÍTULO I - O MUSEU COMO ESPAÇO DE EDUCAÇÃO E O PROCESSO DE TRABALHO DO PEDAGOGO**

Neste capítulo, será discutido o espaço museal, a pedagogia no museu e o trabalho do pedagogo neste local, e para contextualizar haverá uma breve discussão sobre o papel do pedagogo e sobre os espaços não escolares.

O pedagogo é um importante profissional do setor educacional, seja em um espaço educativo formal ou informal. Ele é responsável por ajudar a organizar e administrar o processo educacional, ajudando os sujeitos a tornarem-se indivíduos críticos, bem informados e completos. Sua atuação não se restringe somente a escolas, podendo trabalhar em empresas, organizações não governamentais (ONGs), hospitais, espaços culturais, tribunais, abrigos, associações, museus e entre vários outros espaços, por consequência os profissionais com formação pedagógica são responsáveis por utilizar métodos pedagógicos para contribuir com a educação e a informação, tornando melhor a compreensão para situações diferentes em vários contextos.

A idéia de conceber o curso de Pedagogia como formação de professores, a meu ver, é muito simplista e reducionista, é, digamos, uma idéia de senso comum. A Pedagogia se ocupa, de fato, com a formação escolar de crianças, com processos educativos, métodos, maneiras de ensinar, mas, antes disso, ela tem um significado bem mais amplo, bem mais globalizante. Ela é um campo de conhecimentos sobre a problemática educativa na sua totalidade e historicidade e, ao mesmo tempo, uma diretriz orientadora da ação educativa (Libâneo, 2001, p. 6).

Os educadores desempenham um papel de mediação, facilitação e inovação no processo educativo. Os pedagogos docentes estão em constante busca para aprimorar e encontrar soluções para os problemas e demandas que a sociedade moderna requer, melhorando a qualidade da educação.

Por fim, a pedagogia é um campo amplo e diversificado que vai muito além da docência em sala de aula. Ela requer uma compreensão profunda da complexidade da educação, bem como uma abordagem integrada que leva em consideração cada componente do desenvolvimento humano. Os pedagogos museais ajudam a construir uma sociedade mais consciente e responsável que pensa no coletivo, e contemplará seus indivíduos com uma formação de qualidade, “o museu deve ser crítico, da mesma forma que o projeto educacional e o educador,

para que a ação educacional seja eficaz, i.e., para que o usuário do museu participe do processo museal criticamente.” comenta Cury, 2013.

### 1.1 Pedagogia em Espaços Não Escolares

Inicialmente a educação, conforme previsto na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), abrange uma variedade de contextos e práticas que ultrapassam os limites das escolas. Dessa forma, o pedagogo pode atuar em diferentes espaços não escolares, entende-se que:

Torna-se especialmente necessário ressaltar que o termo educação não corresponde à escolarização nem à instrução. Designa um processo global de formação humana através da inserção dos sujeitos na cultura a partir de mediações exercidas por agentes e dispositivos em contextos variados. A Pedagogia tem como objeto a educação como formação humana e não somente à formação escolar ou instrução formal, estando estas inseridas no contexto daquela (Severo, 2018, p. 5).

De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) a formação do pedagogo permite aos profissionais trabalharem em espaços não formais: “trabalhar, em espaços escolares e não escolares, na promoção da aprendizagem de sujeitos em diferentes fases do desenvolvimento humano, em diversos níveis e modalidades do processo educativo”. Traz a concepção sobre locais informais também serem utilizados para formar o ser humano:

Diversas instituições não escolares, porém, com interesses educativos em sua conjuntura ou com algum tipo de inserção em contextos em que as pessoas necessitam atuar através do uso de ferramentas pedagógicas, têm configurado, em sua agenda de trabalho, objetivos e ações que manifestam, em maior ou menor medida, um caráter instrutivo, educativo ou pedagógico (Severo, 2018, p. 5).

Quando se pensa no trabalho pedagógico, comumente o pensamento predominante é da educação formal que ocorre dentro de uma sala de aula em uma escola. Entretanto, a pedagogia abrange uma lista extensa de possibilidades e pode acontecer em diversos espaços. Além dos ambientes formais, como as escolas, existem também os espaços informais e não formais onde a pedagogia se faz presente.

De forma simplificada, é o espaço para a educação formal, ordenação curricular, sequencial, cumulativa e sistemática. É, igualmente, lugar de construção de valores, onde o conhecimento promove a participação do cidadão no exercício da cidadania. A escola atua com uma ampla perspectiva democrática (Cury, 2013, p. 23).

A educação formal desenvolvida em ambientes escolares, a informal que emerge dos conhecimentos gerados pelos grupos sociais em interação direta com as experiências do dia a dia. Essa soma de saberes sobre a realidade se converte na fundação tangível que influencia tanto a educação formal quanto a não formal “A Pedagogia Social discute esses novos espaços educativos, como mídia, rádio, TV, vídeo, igrejas, sindicatos, empresas, Organizações não Governamentais (ONGs), espaço familiar, internet, espaços no campo que não podem mais ser ignorados” Paiva (2015, p. 61), as organizações sociais e espaços da cidade podem ser considerados como locais de educação não formais.

Em várias esferas da prática social, mediante as modalidades de educação informais, não-formais e formais, amplia-se a produção e disseminação de saberes e modos de ação (conhecimentos, conceitos, habilidades, hábitos, procedimentos, crenças, atitudes), levando a práticas pedagógicas. Estamos diante de uma sociedade genuinamente pedagógica (Batista, 2019, p. 18).

Pensando nisso, pode-se surgir a pergunta: “mas que espaços são esses?”. Bom, os campos de atuação do pedagogo são bastante amplos, este profissional pode atuar em hospitais, ONGS, Museus, Empresas, Presídios, Tribunais entre outros locais. Organizações e espaços não escolares precisam de profissionais da pedagogia para atendimento social interdisciplinar e multidisciplinar.

O pedagogo detém conhecimento necessário para elaborar, desenvolver, aplicar, gerir, administrar e avaliar projetos educativos tanto em instituições formais como não formais com o objetivo de democratizar o saber socialmente construído e contribuir para os processos de formação dos seres humanos em suas diferentes fases da vida e ambiente sociais. Nesse sentido cabe ao pedagogo estabelecer as relações necessárias a respeito das políticas educacionais de modo a garantir o direito à educação, realizando intervenções adequadas ao cumprimento do preceito constitucional (Batista, 2019, p. 64).

Esse tema deve ser debatido, pois em muitas instituições não escolares, mesmo não utilizando da educação convencional, ainda assim é necessário o uso de métodos pedagógicos para ato de instrução e socialização. Estudos sobre o

tema, levantados em obras de Severo trazem os paradigmas da educação de caráter informal.

A ENE se relaciona com o paradigma de aprendizagem ao longo de toda a vida, de modo que representa ações que prolongam os tempos e os espaços de formação e autoformação, com base em necessidades contextuais dos sujeitos e das comunidades, atuando como mecanismo catalisador da articulação de saberes diante de necessidades emergentes nas esferas das sociabilidades humanas e do trabalho (Severo, 2015, p. 566).

Com isto, Severo (2015) enfatiza que a educação não somente acontece na sala de aula, pois a aprendizagem é um processo contínuo que se dá em diversos contextos ao longo da vida. A Educação Não Escolar (ENE) amplia os horizontes da formação, se adequando as necessidades das pessoas e da comunidade. Atua como um catalisador que une diferentes conhecimentos, atendendo às novas demandas nas áreas de interação social e no ambiente de trabalho.

Em muitas instituições não escolares, os métodos pedagógicos são essenciais para promover o conhecimento e a socialização. Essas metodologias, adaptadas às necessidades específicas de cada contexto, são fundamentais para facilitar a aprendizagem e o desenvolvimento humano em diversos ambientes. Para a prática da educação, os processos educacionais são diferentes, mas todos possuem o mesmo objetivo, o de aprendizagem.

Quando se pensa na pedagogia em Espaços Culturais a vivência nesses locais possibilita o desenvolvimento das crianças para refletirem as disciplinas que estudam. Ao se pensar na cultura regional se remete aos costumes, tradições, arte, linguagem e outras expressões distintivas da determinada região e o valor que isso agrega para a educação dos indivíduos, conhecer sua cultura e o meio em que vive, a cultura é um “agir no mundo”.

Podemos conceber o Pedagogo como promotor de práticas de educação que compreendam a Cultura como apropriação dos sujeitos, de seus modos de vida, de seus costumes e tradições. Tais práticas, se alimentadas pelas experiências artísticas, favorecem a constituição do “eu”, que se coloca no mundo de forma expressiva e criativa (Batista, 2019, p. 161)

Sendo assim, a pedagogia em espaços culturais vai além das paredes da sala de aula, as experiências em espaços culturais proporcionam experiências

educativas de imersão para os alunos e conectam os alunos com o mundo ao seu redor, valorizando sua identidade e cultura.

## **1.2 Museus como Espaços Educativos e de Práticas Pedagógicas**

Quando se pensa na relação de escola e museu, presume-se que sempre existiu visitas das escolas aos museus e que essas instituições trabalhavam em parceria, entretanto, a relação entre escolas e museus é complexa, visto que envolve uma gama pessoas de diferentes áreas da cultura e da educação que possuem objetivos e interesses distintos, ajustados por diversos contextos sendo eles sociais, políticos, culturais, econômicos, científico e educativos.

Os Museus são instituições que se consolidaram como locais dedicados para a preservação da memória. Desta maneira, eles podem ser vistos como centros geradores de saber que estabelecem conexões sólidas com a Ciência e a Educação, tornando-se poderosos meios de comunicação nesse contexto (Maciel, 2013). Segundo a Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009, que instituiu o Estatuto de Museus:

consideram-se museus, as instituições sem fins lucrativos que conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer outra natureza cultural, abertas ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento (Brasil, 2009, p. 1).

Os museus consideram a educação museal tão relevante quanto a aquisição de coleções, a preservação, a organização de exposições, a pesquisa e outras funções da instituição. “As possibilidades culturais e pedagógicas dos museus somadas às políticas museológicas, que pensam a instituição como espaços educativos, estreitam as relações dos museus com as escolas” (Vasconcellos, 2016, p. 50). É importante compreender que os museus são espaços culturais que fomentam a educação por meio da cultura, proporcionando fascínio, diversão, questionamento e interação (Braga, 2017).

As práticas pedagógicas são organizadas para atender às expectativas educacionais de uma comunidade. Elas enfrentam o dilema de que sua representatividade e valor dependem de acordos sociais, negociações e decisões coletivas. Assim, as práticas pedagógicas podem ser desenvolvidas por meio de

adesão, negociação ou imposição, resultando em diferentes abordagens dentro da Pedagogia (Franco, 2016).

A Política Nacional de Educação Museal (PNEM) é resultado de um processo iniciado pelo Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM). A PNEM visa desenvolver a Política Nacional de Museus no âmbito educacional, fundamentando-se em outros documentos orientadores do setor cultural. Ela contribui para a criação de políticas públicas sólidas e sustentáveis, alinhando-se aos princípios estabelecidos pelo IBRAM (IBRAM, 2018).

Por meio da Portaria IBRAM nº 605, de 10 de agosto de 2021, que dispõe sobre a Política Nacional de Educação Museal - PNEM e dá outras providências, consegue-se estabelecer a Política Nacional de Educação Museal - PNEM, que visa à organização, ao desenvolvimento, ao fortalecimento e à fundamentação do campo da educação museal no Brasil.

Parágrafo único. A PNEM é um conjunto de princípios e diretrizes que tem o objetivo de nortear a realização das práticas educacionais em instituições museológicas, fortalecer a dimensão educativa em todos os setores do museu e subsidiar a atuação dos educadores.

No Brasil, as práticas pedagógicas nos museus receberam grandes influências da Escola Nova, que se estabeleceu como um movimento global nas últimas décadas do século XIX, se sucedendo com a consolidação da democracia liberal. Esse fortalecimento tornou-se particularmente evidente após a Primeira Guerra Mundial (Santos, 2006).

Os museus tinham sua imagem ligada a bibliotecas e prédios vizinhos deste, eram conhecidos como “biblioteca de objetos”. Assim, “estas primeiras coleções museais resultavam de um ato de descoberta e de experiência mística, na fronteira entre a teologia e um pensamento científico em gestação”. (Pearce, 1992 *apud* Köptcke, 2001, p. 19)

Se sabe que as visitas pedagógicas/visitas de estudo aos museus eram realizadas por famílias de “boa vontade cultural” dando início no século XIX (Köptcke, 2001). Essas visitas dispõem de uma função pedagógica abrangente, integrada ao currículo e às disciplinas (Oliveira, 2013) discorre sobre as visitas de estudo, que são consideradas atividades letivas, se adequa como aula em espaços não formais, por ocorrerem fora da sala de aula, o método lúdico desenvolvido

nessas visitas estimula e motiva os alunos, propiciando maior comprometimento e engajamento, e também que:

Do ponto de vista didático, as visitas de estudo potenciam a assimilação dos conhecimentos pois, podem ser um momento de concretização do saber teórico e abstrato da sala de aula, por via do acesso direto e planificado a conteúdos de aprendizagem, aproveitando as potencialidades pedagógicas do meio. Assumem-se, ainda, como situações educativas em que a utilidade do saber científico é demonstrada, recorrendo-se a exemplos concretos, que proporcionam uma aprendizagem significativa, através da interligação que se estabelece entre a teoria e a prática (Oliveira, 2013, p. 1682).

No passado, o professor muitas vezes enfrentava dificuldades para usar museus como recursos educacionais, pois não dominavam plenamente os conteúdos das exposições. Por outro lado, os curadores tinham dificuldades para disseminar seu conhecimento a um público jovem que não era especializado no tema e estudos do museu. Era em desafio inegável na relação entre o ensino secundário e os museus, que não compartilhavam um programa curricular comum (Köptcke, 2001).

Então foram criados serviços educativos dentro dos museus (Köptcke, 2001). Que são as estruturas internas dos Museus que procuram estabelecer diálogos com a grande diversidade de públicos esses que lhe são inerentes. O trabalho educativo e de mediação da exposição museológica corresponde, a compreensão, a instigação e a proximidade do público e da comunidade aos museus (Lameiras, 2023), que também desenvolve:

Deste modo, as propostas educativas promovidas pelos serviços educativos podem conjugar diferentes atuações de implementação, desde visitas guiadas, visitas encenadas, visitas orientadas, atividades sazonais, ateliês, workshops, oficinas, materiais pedagógicos, projetos de comunidade, projetos escola, projetos artísticos. No âmbito, deve-se estimular a partilha através de experiências educativas libertadoras que consigam conciliar a realidade do museu com a realidade dos visitantes, estimulando criativamente o tema em confluência com a memória, percepção e imaginação individual (Lameiras, 2023, p. 39).

Os serviços educativos foram criados devido à necessidade de ajustar o museu e a disseminação de informações para atender às necessidades de seus diversos tipos de público (Lameiras, 2023). E resolver as dificuldades que apareceram. Atuam como suporte pedagógico entre os professores e

especialistas/curadores das obras do museu assim a comunicação e propagação da informação se dá de forma clara.

Na Inglaterra, a partir de 1885, foi criado o Museu das Crianças de Haslemere em Surrey. A idéia de fundo consistia no pressuposto de que era junto aos mais jovens que tinha-se maiores chances de modificar “um estado de espírito secular” . Pedagogicamente, a visita escolar a museus era ainda justificada pela popularização de métodos ativos nas salas de aula (Benoist, 1960). Discutia-se, então, a inadaptação dos museus às crianças e começavam a ser apontadas soluções para atender a este tipo de público: 1- museus especiais para crianças 2- seções especialmente concebidas para crianças dentro de museus de adulto 3- serviços educativos destinados a acolher estes visitantes (Köptcke, 2001, p. 23).

Com isso foram pensadas iniciativas que tornariam os museus mais atrativos e acessíveis para o público jovem e infantil, e que nele fosse realizado uma educação museal completa. Conforme o art. 3º da portaria IBRAM nº 605, de 10 de agosto de 2021 que compreende a educação museal por: “um processo de múltiplas dimensões de ordem teórica, prática e de planejamento, em permanente diálogo com o museu e a sociedade.” Os museus realizam o planejamento de atividades, para adaptar as práticas educativas de maneira que atenda as necessidades do seu público infanto juvenil e de muitas formas realizam um método de aprendizagem que torna o público mais interessado e cativo na cultura local que busca o conhecimento desde jovem.

O processo de planejamento de atividades é imprescindível para realizações de eventos/ atividades nos museus, pois assim asseguram que suas ações atinjam os objetivos planejados, e então a visão a longo prazo demonstra a maturidade profissional da equipe do museu que se prepara para eventuais desafios como de captar oportunidades, tomar decisões a perceber a preferência do público, deve-se entender que na geração em que a tecnologia predomina nos meios culturais, como dramaturgias, jogos, e nas próprias redes sociais, etc. eventos realizados no espaço do museu, apresentações, vendas de artesanatos, alimentos, vestimentas, produzindo essa fusão entre o “novo e o antigo”.

Avanços tecnológicos devem ser pensados como método de captar e de se atualizar com a modernidade, as comunicações instantâneas e redes sociais são um meio de propagação e motivação de interesse para o museu se manter atualizado e se comunicando com seu público, que quando sendo juvenil precisa de meios para adquirir este interesse, como, por exemplo, no “Museu da Cidade de

Manaus” que utiliza de salas interativas com produção de imagens, TVs *touch screen* entre outros. Que o torna interessante e prende a atenção do público, assim como em sala de aula que o docente se utiliza de ferramentas digitais, o museu como um espaço pedagógico também pode se utilizar de meios e ferramentas para atingir seus objetivos de transpassar informações com clareza e de formas dinâmicas.

[...] a sociedade atual é eminentemente pedagógica, ao ponto de ser chamada de sociedade do conhecimento. Vejamos alguns exemplos. Está se acentuando o poder pedagógico dos meios de comunicação: TV, imprensa, escrita, rádio, revistas, quadrinhos (Libâneo, 2001, p. 4).

A sociedade é um lugar pedagógico, atualmente a todo momento somos bombardeados de informações, instruções, conhecimentos, principalmente por meio de plataformas digitais, quando analisado é entendido que a sociedade vive no momento do imediatismo tudo o que se procura se consegue em minutos, ou até mesmo segundos, informações estão ficando cada vez mais práticas e de fácil acesso, por consequência os ambientes formativos necessitam se adaptar a nova geração de comunicação e propagação de informação sendo por meio de TV, vídeos, aplicativos, blogs, páginas de redes sociais, quadrinhos, podcasts entre outros. Tudo que se comunique e facilite a interação com o discente é válido. A forma correta de transmitir a informação é que o transmissor e o receptor estejam em sintonia.

Também devem se preparar para adaptar o local para pessoas com deficiências de modo que se torne inclusivo e preservar as coleções de danos causados pela manipulação de forma inadequada ou por questões causadas pelo ambiente, pensar sobre suas restrições orçamentárias e planejar de acordo com seu Planejamento museológico.

O trabalho de conservação no museu, além da realização da preservação física do local e das coleções que lá se encontram, também envolve a preservação da memória, identidade e a herança cultural da sociedade. Os museus cuidam e protegem as coleções desde gerações passadas até agora e para as gerações futuras, para que os artefatos de nossa história continuem a ser estudados e apreciados futuramente por todos.

Em sua essência, museu é o espaço para conservação e, simultaneamente, comunicação do patrimônio cultural musealizado. É o lugar de construção de valores a partir do patrimônio cultural, considerando a participação dos indivíduos no processo de preservação. O museu atua na perspectiva de uma cidadania cultural (Cury, 2013, p. 23).

Entende-se então que além da preservação, no museu também há o trabalho de comunicação, do patrimônio cultural para o público. Os museus tornam o patrimônio acessível a uma maior parcela de pessoas, fazendo com que elas interajam com o ambiente e se envolvam.

Patrimônio, hoje, remete a um grande fracionamento de possibilidades, considerando que todos têm direito a eleger o que considera um bem patrimonial para si “ patrimônio individual “ ou para um número maior de indivíduos - patrimônio familiar, de grupos profissionais e/ou culturais específicos, imigrantes, povos indígenas etc (Cury, 2013, p. 23).

A escola e o museu são instituições parceiras, pois elas compartilham da missão de contribuir para o desenvolvimento integral da sociedade. O museu participa ativamente para o processo educacional, para enriquecer, adicionar e complementar a formação que já está no plano da escola. Entretanto, os papéis não são os mesmos e ele não substitui a escola nas suas funções e sua formação específica, como sua formação continuada e ordenada em todo o período de desenvolvimento das crianças e jovens. Por consequência, a escola possui este lugar de privilégio na sociedade por garantir a educação de forma organizada e abrangente, que é de extrema necessidade para o desenvolvimento educacional do indivíduo.

[...] escola e museu são instituições parceiras, pois o museu quer participar do processo integral, como consiste à educação, e porque a ele não compete as finalidades cabíveis à escola de formação continuada e ordenada, em período significativo do desenvolvimento de crianças e jovens, o que a coloca em posição privilegiada na sociedade (Cury, 2013, p. 24).

Nota-se que os museus são ótimos para complementar e ampliar o que aprendem nas salas de aula, como em visitas em exposições, programas educativos, esses espaços museológicos que estimulam os estudantes e que podem aprender de forma prática e divertida por meio da curiosidade e do pensamento crítico dos alunos.

### 1.3 Instituição Museu

Inicialmente, deve-se pensar o que é o museu, e o que se considera para classificá-lo como uma instituição, de acordo com a Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009, que instituiu o Estatuto de Museus:

Consideram-se museus, para os efeitos desta Lei, as instituições sem fins lucrativos que conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer outra natureza cultural, abertas ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento.

O museu é um lugar de preservação da memória, onde o que está guardado reflete a cultura compartilhada, a cultura da sua comunidade está representada ali. Sendo assim, quando o visitante explora o museu ele obtém o contato com as coleções expostas, e inevitavelmente com a cultura que emana deste lugar e em decorrência desse cesso a cultura local constrói sua própria identidade.

Dessa forma, o contemplador é reconhecido em sua capacidade intrínseca de produzir cultura; de dialogar com o seu entorno, de problematizar os bens culturais e naturais aos quais acede. A forma como os museus se estruturam hoje deixa de solicitar do público aquela antiga atitude passiva, convidando-o a assumir uma postura de contemplador ativo – que, num ininterrupto movimento de aproximação e distanciamento, tensão e distensão, vai tecendo uma trama entre sua experiência presente, a passada e sua imaginação. (Leite, 2012, p.338).

Entende-se que o profissional quando está no museu procura transportar o visitante por meio contexto dos das coleções expostas, as fazendo se relacionar com a história, utilizando dependendo do público o lúdico e por meio deste, instigar a curiosidade e pensamento crítico das crianças, jovens/adultos sobre o espaço do museu.

(...) no museu, o mais importante não é o que vemos, mas que possamos construir um modo de olhar em que razão e sensibilidade aliadas tenham uma maneira crítica e sensível de ver as coisas e de compreender suas histórias (Kramer 1998, p. 210).

O museu como uma instituição cultural tem um papel fundamental na sociedade, não apenas servindo como um depósito de obras de artes, artefatos e objetos históricos, mas também atuando como um espaço de reflexão, educação e

consciência sobre a materialidade do mundo que nos cerca. “O museu é uma instituição e sua função maior remete à consciência sobre a materialidade do mundo necessária para a nossa vida e reprodução como entes biológicos, psíquicos, sociais, intelectuais, morais.” (Cury, 2013, p. 15).

O museu é um aliado para a educação cultural, ele proporciona experiências intelectuais e sensoriais como uma imersão na história e cultura do lugar em que está inserido e quando bem trabalhado é uma ferramenta ideal para docentes se bem aproveitado, com um planejamento de aula ou evento, com um plano de aula sequencial em que os alunos já sejam previamente preparados por meio de diálogos, atividades, vídeos que contextualizar e os despertem curiosidade para assim inserir a visita de estudos ao museu.

Outra síndrome é a do “conhecimento prévio”, ou seja, o público, em especial o escolar, não aproveita a visita ao museu porque desconhece o assunto. Este é o primeiro ponto da síndrome. O segundo é como sanar esse problema no museu: fazendo uma introdução antes de contemplar a exposição, o que ocorre, muitas vezes em um auditório ou sala, à semelhança daquela da escola (Cury, 2013, p. 16).

Todavia, é necessário pensar no coletivo e no contexto social da escola que irá visitar o museu para assim ser trabalhado, algumas crianças chegarão no museu com conhecimentos prévios e/ou experiências para compartilhar, ao passo que outras não carregam esta bagagem, pois como sabemos o museu ainda é tratado como local elitizado, classes mais altas valorizavam mais a cultura.

O museu do século XIX foi instrumento da integração cultural e da enculturação da cultura popular para a definição da cultura nacional. A cultura popular passa, então, a ser depreciada e os saberes dessa cultura passam a ser desvalorizados e as pessoas a serem tratadas como atrasadas e vulgares (Cury, 2013, p. 19).

Então é necessário ter precaução para não ser criada uma barreira para a participação e compreensão dessas crianças. Isso pode alienar os que não tiveram acesso a determinadas artes e artistas ou que não foram apresentados anteriormente aos temas das exposições. Os museus devem ser lugares acolhedores onde todos são convidados a explorar, perguntar e aprender.

O museu é um excelente espaço para a educação patrimonial. Aliás, o museu é uma instituição que, em sua essência, é agência de educação patrimonial. Nessa instituição podemos ter experiências significativas com

o patrimônio cultural, pensar sobre as razões para aqueles objetos estarem lá e para que outros ingressem o universo museal (Cury, 2013, p. 23).

O museu induz a visão crítica mesmo indiretamente de seus visitantes, os fazendo questionar do “por quê?”, “para quê?”, buscando assim entender sua cultura, identidade e o patrimônio material e imaterial ao seu redor, compreendendo sua história e a sociedade que está inserido.

O documento do Ministério da Cultura (MINC) e Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM) disposto por Chagas e Nascimento (2009) alcunhado “Subsídios para criação de museus Municipais” considera necessário num programa arquitetônico para a instalação de um museu deve prever, no mínimo, as seguintes indigências:

1. espaço de recepção (bilheteria, local para acolhimento do público, ponto de venda de produtos e guarda-volumes);
2. sala de exposição permanente (ou de longa duração);
3. sala de exposição temporária (ou de curta duração);
4. reserva técnica;
5. sala de administração (direção e secretaria);
6. espaço para ações educativas e culturais;
7. sala para procedimentos técnicos com o acervo;
8. espaços de apoio, guarda de materiais e segurança;
9. espaços de serviços (almoxarifado, depósito, copa, banheiros e vestiários);
10. biblioteca e arquivo.

Em síntese: as instalações devem ser adequadas para que o museu desenvolva as funções de pesquisar, conservar e comunicar, incluindo acomodações para o público e para os funcionários, levando em consideração também que o edifício, qualquer que seja seu estilo arquitetônico, tem ainda um papel importante como presença física e elemento simbólico no espaço urbano. (Chagas; Nascimento, 2009, p. 19).

O museu necessita destes espaços para desenvolver seu trabalho da melhor forma, pesquisando, conservando objetos, guardando objetos de exposições, fazendo o restauro de peças e, ao mesmo tempo, recebendo bem seus visitantes, para que se sintam acolhidos e imersos neste local.

## 1.4 O Papel do Pedagogo nos Museus

Nos dias atuais, a presença do pedagogo nos espaços museais não é incomum, como já visto anteriormente o pedagogo é um profissional muito importante na educação tanto de sala dentro quanto fora. Ele organiza o processo educacional e o desenvolvimento cognitivo e motor, para formar um indivíduo completamente integrado.

A presença do profissional pedagogo nos museus não somente facilita a aprendizagem, como também estimula a curiosidade e criatividade dos visitantes, incentivando-os a fazerem perguntas, discutir os elementos do que vivenciaram e lhes chamaram atenção, e de estimular a investigação e pesquisa de cada um.

E além do ambiente escolar, os pedagogos também se fazem presentes no campo não formal, como em museus e centros culturais, Organizações não Governamentais (ONGs), hospitais, empresas públicas e agências governamentais, entre tantos outros. Em cada campo deste, o pedagogo é o especialista em métodos pedagógicos e busca maneiras de tornar o processo educacional e a obtenção de conhecimentos mais acessíveis e interessantes para todos.

Nessa concepção, pedagogo é o profissional que atua em várias instâncias da prática educativa, indireta ou diretamente vinculadas à organização e aos processos de aquisição de saberes e modos de ação, com base em objetivos de formação humana definidos em uma determinada perspectiva. Dentre essas instâncias, o pedagogo pode atuar nos sistemas macro, intermediário ou micro de ensino (gestores, supervisores, administradores, planejadores de políticas educacionais, pesquisadores ou outros); nas escolas (professores, gestores, coordenadores pedagógicos, pesquisadores, formadores etc.); nas instâncias educativas não escolares (formadores, consultores, técnicos, orientadores que ocupam de atividades pedagógicas em empresas, órgãos públicos, movimentos sociais, meios de comunicação; na produção de vídeos, filmes, brinquedos, nas editoras, na formação profissional etc.) (Libâneo, 2007, p. 514).

Nos museus, por exemplo, os objetivos de formação têm o apoio de programas educativos que proporcionam os estudantes a se conectar com as exposições. As atividades são criadas com o objetivo de despertar a curiosidade e o pensamento crítico de seus visitantes.

É fundamental apresentar e discutir nas visitas temáticas a diversidade cultural, e como ela atravessa diferentes sociedades apresentadas nos acervos do museu (Vasconcellos, 2005), portanto, é imprescindível mostrar a riqueza cultural

dessas sociedades, todavia o pedagogo não deve se acomodar nesta ideia de que somente mostrar essas diferenças culturais será o suficiente para colaborar com a formação da consciência de identidade dos alunos. Conseqüentemente, mostrar a diversidade cultural do museu amazônico não basta. É preciso politizar esta questão, promover a interação entre os diferentes, o que é essencial para construir um mundo verdadeiramente comprometido com a paz.

Se faz necessário um educador durante processo de visita guiada, “Ao apresentar objetos em contextos expográficos, estamos tratando de processos comunicativos que acabam sendo ou não compreendidos pelo público escolar.” (Vasconcellos, 2005, p. 295), não somente no processo de elaboração das atividades educativas pedagógicas, mas durante esse momento quase como de avaliação, para se comunicar com o público e ter um retorno da resposta do público em relação à comunicação da visita.

É primordial o entendimento que não é suficiente criar uma exposição ou material didático para apoio do docente e estabelecer como educativo. Toda e qualquer atividade realizada precisa de um fim pedagógico, por isso, a presença do profissional pedagogo é tão necessária, este profissional preparará práticas pedagógicas alinhando com a possibilidade do pensar criticamente, isso está profundamente ligado à capacidade do público que visita ou utiliza recursos educativos de fazer escolhas e tomar posições. É necessário pesar por uma perspectiva crítica através do espaço cultural:

Nesta direção, é fundamental trabalharmos na perspectiva da percepção crítica sobre o mundo em que vivemos a partir da sensibilização em relação ao universo da cultura material, ou seja, dos objetos contextualizados/musealizados em suas mais distintas áreas do saber. Não na perspectiva do conhecimento pronto e acabado, mas na perspectiva do diálogo que propiciará o desvendar de áreas do conhecimento, até então desconhecidas (Vasconcellos, 2005, p. 296).

Trazendo a percepção da atualidade, ao se pensar nos conhecimentos elaborados a partir das práticas educativas desenvolvidas por instituições que estão concretamente inscritas numa sociedade que se divide em diferentes classes e grupos étnico-culturais, não se pode ignorar que diferentes pessoas vivem e vivenciam realidades concretas que lhes são impostas (Reis; Pinheiro, 2009). E mesmo que cada indivíduo possua uma realidade diferente, todos deveriam poder

participar da experiência educativa em um museu, pois é extremamente rica, de saberes, vivências

[...] a experiência educativa dos museus é única. Não é melhor nem pior que a da escola ou de outro espaço educativo qualquer, mas seria aconselhável que todos tivessem o direito de vivenciá-la. Por meio delas é possível, entre outras coisas, ampliar o repertório de vivências e experiência sociais, estéticas, sensoriais, de contato com informações, com conteúdos e conceitos, com visões de mundo (Marandino, 2008, p. 2).

Marandino (2008, p. 3) reitera “sabemos hoje que a escola é, não só no Brasil, mas especialmente aqui, a responsável por promover outras experiências culturais para os cidadãos para além dela mesma” O autor também caracteriza a práxis educativa como:

a práxis educativa, objeto da ciência pedagógica, caracteriza-se pela ação intencional e reflexiva de sua prática. Diferentemente de outras práticas sociais, que até podem funcionar, em certos momentos, como práticas educativas, mas que prescindem dessas condições e que, por não serem organizadas intencionalmente, não foram, até então, objeto de estudo da pedagogia, apesar de estarem incluídas no amplo contexto da educação (Marandino, 2008, p. 83).

Entende-se que as práticas educativas nos museus possuem um papel extremamente relevante quando se trata da construção de uma educação transformadora e emancipatória para com o indivíduo, pensando em uma ideia do museu na contemporaneidade:

Os museus em nossa contemporaneidade, face aos grandes avanços da técnica, da ciência e da arte, têm diante de si uma grande responsabilidade; repensar sua identidade sociocultural. Ou seja, (re)inventar-se, estruturando-se como espaços de vida e não locus de contemplação, prazeres singulares particularizados e, possivelmente individualizados (Reis, Pinheiro, 2009, p. 37).

“Sabe-se que não será de fora para dentro que se encontrarão suas possibilidades de transformação que, a nosso ver, se acham inscritas nesse ‘novo’ criativo em processo.” destacam Reis e Pinheiro (2009, p. 37). A transformação não deve ser imposta externamente, mas sim aflorar da identificação e enaltecimento das práticas educativas que já estão em desenvolvimento.

Há exigências recentes que evidenciam a dinâmica na qual cada atividade relacionada aos museus assume a importância do cumprimento, internamente, de

um papel previamente negligenciado e muitas vezes subestimado, o que justifica amplamente sua própria relevância: uma abordagem educativa verdadeiramente preparada para acolher a todos, considerando sua diversidade e a variedade de conhecimentos e contextos socioeconômico-culturais específicos e singulares.

Se entendemos a prática educativa como práxis que revela aos homens sua condição de humanos, em devir e em processo, momento em que sua unicidade e pluralidade se evidenciam, o museu e sua atividade educativa serão entendidos como lugar de diálogo constante entre os homens-sujeitos com o seu acervo, produto também dos homens e das relações humanas na promoção de novas e prodigiosas leituras estimuladoras, nos mesmos, da autoconfiança em conhecer o que desconhecem, da cooperação e da solidariedade que ensina a vida em convivência na apropriação de novos caminhos comunitários e de valores necessários à toda condição humana. Para tal, os museus requerem criar condições para que seus espaços se construam como locus de experimentações e de práticas pedagógicas estimulantes, que promovam o desenvolvimento dos patrimônios, pessoal e social, no público que a eles acorre, em busca de conhecimentos indispensáveis a uma experiência sociocultural sempre renovada, com vistas à compreensão e interpretação do mundo vivido e da importância do saber, dos diversos e múltiplos saberes para um mundo em transformação (Reis; Pinheiro, 2009, p. 37).

No contexto de uma educação voltada para a emancipação, Reis e Pinheiro (2009) discutem a abordagem pedagógica difere da simples repetição do conhecimento alheio, como é comum na educação tradicional. Também se distancia da perspectiva liberal que destaca o "aprender a aprender" como uma exaltação do individualismo, competição e falta de consideração pelos outros. A proposta valoriza a ideia de que o processo de aprendizagem se desenvolve quando as pessoas, em conjunto e de forma colaborativa, debatem e lidam com seus desafios, conflitos e questões em comum. "Ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo" (Freire, 1979, p. 79).

Enquanto não se compreende as estruturas culturais distintas e seus papéis sociais, acaba-se permitindo que o barbarismo e várias formas de violência permeiem até os dias atuais. Até mesmo no século XXI, a educação e suas práticas insistem em perpetuar saberes que se baseiam em universalidade e neutralidade, ignorando outros conhecimentos que são fruto da história e das vivências das pessoas comuns, que têm saberes fragmentados e são impedidas de exercer sua capacidade crítica (Reis; Hora, 2007 *apud* Reis; Pinheiro, 2009).

## CAPÍTULO II - A ATUAÇÃO DO(A) PEDAGOGO(A) NO MUSEU AMAZÔNICO

Nesta parte do trabalho será tratado como ocorre a atuação do pedagogo no Museu Amazônico, um órgão suplementar da UFAM, localizado no centro histórico de Manaus, oferece aos visitantes uma imersão na cultura, desde sua infraestrutura quanto seu acervo formado por coleções de artefatos indígenas em sua maioria.

Foi inaugurado em 1989, embora já estivesse sendo planejado desde a década de 1970. Fica localizado na Rua Ramos Ferreira, 1036, no centro histórico da cidade de Manaus tornando acessível para o público da cidade e turistas que desejarem conhecer, possui o horário de funcionamento de segunda a sexta-feira, das 08h30 às 16h30, o museu oferece oportunidades para os visitantes mergulharem na história e cultura (Museu Amazônico, 2019).

Figura 1 - Prédio do Museu Amazônico



Fonte: *Instagram* do Museu Amazônico, 2020.

O Museu Amazônico se dedica à divulgação dos conhecimentos sobre a Amazônia e também desempenha um papel educativo. Além disso, é um espaço voltado para a preservação e a pesquisa de obras e documentos relacionados à história amazônica (Andrade et. al, 2016). Segundo Gonçalves (2012, p. 29) o museu colaborou para o arcabouço de “cultura e da aprendizagem ao permitirem a reflexão sobre a história, a filosofia e a ciência”.

### 2.1 Histórico do Museu Amazônico

O imóvel era inicialmente de pertencimento da família Coelho. No ano de 1972 a edificação foi adquirida pela UFAM. Antes disso era sede de outros setores

da Universidade, uma delas sendo a Faculdade de Artes. Se considera que o prédio do museu foi construído no período de 1920.

De acordo com o Regimento Interno nº 012/2007, o Museu Amazônico atua como órgão de apoio à pesquisa, ao ensino e à extensão, nas áreas fundamentais para o conhecimento da Amazônia e de suas culturas, cabendo-lhe nesta qualidade:

- I. resgatar e reconstituir acervos e informações acerca da região, bem como pesquisar suas repercussões como forma de preservação das identidades culturais amazônicas, considerando que a preservação da memória e do patrimônio histórico cultural é uma das formas de conhecimento crítico da identidade regional e nacional;
- II. desenvolver pesquisa científica no campo da História, Antropologia, Arqueologia, Paleontologia, Mineralogia e disciplinas afins;
- III. desenvolver reservas técnicas, biblioteca, arquivo e laboratórios especializados;
- IV. organizar exposições de longa e média duração de seu acervo, bem como receber exposições itinerantes;
- V. promover atividades educacionais e culturais, relacionadas às suas áreas de atuação;
- VI. promover intercâmbio com os Departamentos Acadêmicos da UFAM, com as demais Unidades e Organismos pertinentes, bem como com outras Instituições nacionais e estrangeiras, mediante projetos de pesquisa, formação e extensão, em todos os níveis;
- VII. manter publicações periódicas, divulgando estágios, resultados de pesquisas, trabalhos literários e ensaios de conteúdos histórico-culturais da Amazônia.

A organização segue a estrutura de: direção-geral; secretaria e gerência de projetos; divisão de antropologia; divisão de difusão cultural; divisão de pesquisa e documentação histórica; divisão de arqueologia; divisão de paleontologia e mineralogia; divisão de museologia; biblioteca.

O acervo do museu conta com vários artefatos arqueológicos, etnográficos e exemplares da cultura popular amazônica utilizados tanto para o manejo diário da população indígena quanto para rituais sendo um deles o da Moça Nova, além de peles e dentes de animais, artesanatos, pinturas, fósseis de animais pré-históricos

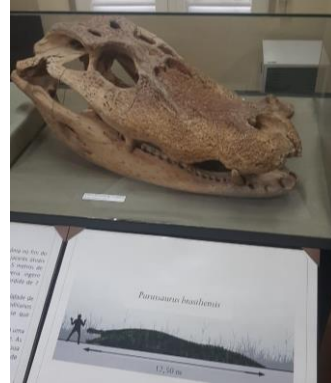
amazônicos. Conta também com uma exposição permanente chamada “Encontrando a Amazônia Antiga”.

Figura 2 – Adereços no Ritual da Moça Nova – Museu Amazônico



Fonte: Acervo Pessoal, 2023.

Figura 3 – Fóssil do Purussaurus brasiliensis – Museu Amazônico



Fonte: Acervo Pessoal, 2023.

Esses artefatos são peças ou fragmentos que foram encontradas e coletadas por meio de pesquisas em vários sítios arqueológicos do Amazonas ou cedidos por pessoas em comunidades que encontraram em suas propriedades ou ao abrir roçado e poços (Maciel, 2013).

Há também uma biblioteca vinculada ao museu que conta com um fascinante acervo. De acordo com dados de uma pesquisa realizada em 2013, estimava-se uma frequência de 23 mil visitantes anuais ao espaço museológico, com uma variação de estudantes de nível Fundamental e Médio, universitários, turistas nacionais e internacionais, e a comunidade em geral (Maciel, 2013). Cumprindo sua missão de preservação e valorização do patrimônio histórico e cultural da Amazônia.

O público que frequenta o Museu Amazônico é variado, inicialmente o local era principalmente para os pesquisadores. Havia atividades pedagógicas e eram realizados por intermédio de outros profissionais, pois, não havia o profissional pedagogo dentro do museu.

Com a inserção do pedagogo, o Museu Amazônico foi aberto para o público das escolas, inicialmente para o ensino médio utilizando uma abordagem com a arte para cativar e envolver o público. Logo, as visitas começaram com o ensino médio até chegar nos bebês. Atualmente o museu amazônico trabalha com a faixa etária de bebês de um ano e meio até alunos de mestrado e doutorado.

As atividades realizadas no museu são cuidadosamente planejadas e ajustadas de acordo com as habilidades dos participantes. Cientistas são convidados para essas atividades e adaptam a linguagem conforme o público. Já foram abordados temas como Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST), Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS) e o uso de preservativos com alunos do ensino médio.

Além disso, assuntos como efeito estufa e física também são discutidos, sempre com a adaptação necessária para facilitar a compreensão dos estudantes. Há sempre uma preocupação em adaptar os assuntos de acordo com o público que o museu recebe.

O Museu Amazônico foi o primeiro a receber bebês de um ano e meio (maternal). Reconhece-se que, a formação do curso de pedagogia inclui processos voltados para as crianças, sendo a infância o objeto de discussão, então, o museu acompanha este currículo e busca inserir as crianças. Como exemplo dos bebês de um ano e meio meses que foram assistir uma peça do chapeuzinho vermelho e ver a exposição do museu.

Associado à UFAM, o Museu Amazônico, torna-se um museu universitário e quando se dialoga sobre o Museu Universitário, é relevante ressaltar sua característica distintiva: as pesquisas conduzidas a partir de seu acervo, a qual atua como uma fonte geradora de sabedoria para o ensino e a ampliação das atividades em diversas comunidades que usufruem de seus espaços, as pesquisas não somente são em áreas básicas de arqueologia, etnologia, história, zoologia ou arte contemporânea, mas também as pesquisas realizadas nas áreas de conservação, documentação, expografia e educação (Vasconcellos, 2005).

Além desse diferencial, os museus universitários também contam em seu corpo técnico e científico com diversos profissionais de áreas distintas que são extremamente qualificados em suas profissões. Conquista essa que pode ser mais difícil de encontrar em museus de outras vinculações institucionais (Vasconcellos, 2005).

## **2.2 O trabalho do pedagogo no Museu Amazônico**

A formação de uma das pedagogas que atuam no museu é de Graduação em Pedagogia com Mestrado em Comunicação Social e Doutorado em Tecnologia

Educacional, e com o conhecimento que ela adquiriu durante a graduação desenvolveu cursos, experiências pedagógicas e educativas em parceria com as escolas no entorno do museu, já havia trabalhado em um espaço não formal e isso lhe ajudou e quando iniciou no museu amazônico e trouxe essa vivência e incluiu a arte como estratégia de sensibilização com o público escolar. É pensada a seguinte perspectiva:

O curso de Pedagogia se destina a formar o pedagogo-especialista, isto é, um profissional qualificado para atuar em vários campos educativos, para atender demandas socioeducativas (de tipo formal, não-formal e informal) decorrentes de novas realidades, tais como novas tecnologias, novos atores sociais, ampliação do lazer, mudanças nos ritmos de vida, sofisticação dos meios de comunicação. Além disso, informar as mudanças (Libâneo, 2001, p. 12).

Por mais que durante a graduação os discentes sejam encaminhados em sua grande maioria para o trabalho docente, a formação se dá para o trabalho pedagógico, principalmente quando se inicia o estágio supervisionado e o campo de possibilidades é ampliado, a experiência na graduação em Pedagogia possibilita esta visão de se (re)conhecer sendo um pedagogo como agente sociocultural que irá transmitir o conhecimento buscando atender as especificidades do seu público, aproveitando ao máximo suas ferramentas que facilitem o diálogo com o receptor do conhecimento.

A formação do pedagogo é direcionada para a docência, entretanto, a solução não seria de retirar a formação docente, mas sim ampliá-la.

O exercício de uma prática reflexiva requer a presença contínua, crítica e construtiva do pesquisador educacional, que reconheço como o pedagogo. Essa presença se faz necessária tanto para a construção de um ambiente investigativo – que permita e favoreça uma cultura da pesquisa, de forma a produzir conhecimentos e procedimentos científicos que estejam continuamente fertilizando e referenciando essas práticas –, como também na reconstrução e na construção de novas e atualizadas concepções da prática educativa (Franco, 2008, p. 99).

O museu é um espaço não formal, então a aprendizagem que acontece naquele espaço se realiza por meio de metas e objetivos, mas a forma como é abordado é de maneira diferente, se utilizando da arte como uma maneira de sensibilização desde crianças pequenas até o público adulto. Como consta no Regimento Interno do Museu (2007) as competências da Divisão de Museologia:

- I. montar exposições, oficinas, aquisição de acervos e desenvolver reservas técnicas;
- II. dirigir e coordenar as diferentes atividades da Divisão e representá-lo em suas relações externas e internas;
- III. resolver dentro das normas e legislação em vigor todas as questões e papéis que digam respeito às atividades da Divisão;
- IV. solicitar a Direção Geral do Museu, a aquisição de peças para o enriquecimento do acervo dos museus;
- V. apoiar negociações com a finalidade de estabelecer convênios com entidades;
- VI. apoiar projetos museológicos para implantação e reestruturação de museus;
- VII. orientar e avaliar estágios desenvolvidos no campo da pesquisa museológica;
- VIII. promover, juntamente com a divisão de difusão cultural, palestras, cursos, encontros, seminários e debates de cunho museológico;
- IX. sugerir, com base nos resultados das pesquisas, temas e roteiros para exposições temporárias;
- X. elaborar e redigir os catálogos das exposições permanentes;
- XI. manter atualizado um arquivo técnico-descritivo sobre cada uma das peças componentes do acervo do Museu;
- XII. manter o registro e arquivo de todas as exposições produzidas pelo Museu.

Quem realiza as mediações dentro do museu é a pedagoga, ela realiza parcerias com os artistas, alunos da pedagogia, instituições, contadores de história, músicos e juntos eles verificam como adaptar a linguagem para o público que irá ser atendido, se serão crianças, jovens ou adultos, o museu também se preocupa em dar visibilidade para os artistas locais.

Tanto a pedagoga sugere temas que podem ser realizados no museu quanto também pode vir de fora com professores de escolas que estão fazendo alguma pesquisa dentro do ambiente escolar e que gostariam de apresentar dentro do museu, então o professor entra em contato com a instituição e juntamente com a pedagoga eles ajustam como a atividade pode ser realizada, e dependendo da

atividade a ser desenvolvida o espaço do museu é cedido para a escola ou a equipe do museu se descola para a escola. Em uma entrevista com a Responsável pela Área Pedagógica (RAP), é citada a seguinte fala:

“Olha, é um grande desafio a escola pra nós, nós gostaríamos de ter uma relação muito próxima, faz quatro anos que estou aqui, e nós já fizemos exposição aqui com as escolas, Então existe um esforço para a semana nacional. A nossa semana nacional ela sai em revistas, porque é uma semana repleta geralmente no Brasil inteiro eles fazem duas ou três atividades, a nossa semana aqui no museu é atividade de manhã e à tarde a semana inteira”. RAP - Museu Amazônico (Maciel, 2013, p. 94).

O trabalho de planejamento do pedagogo no Museu Amazônico se faz por meio da organização do trabalho em equipe. É elaborada uma agenda anual ou de no mínimo 1 semestre, e esta agenda é organizada pensando no público que irão atender. Então, é planejado para as crianças, os jovens e os idosos.

Constatou-se que há eventos fixos ao longo do ano, como o dia internacional da mulher, dia dos povos originários, dentre outros. Assim também, há registros da existência de eventos voltados para o museu como a semana nacional de museu, a primavera de museus e outros que precisam serem conciliados. Se trabalhar com o planejamento se faz necessário no museu, para haver constância de atividades, em um dia acontecer uma contação de história, outro dia visita guiada de uma escola, no outro dia recebe-se um artista ou cientista, produção de relatórios e demais atividades.

Quando o público que o museu vai receber são de crianças são realizadas as atividades em sua maioria são de rodas de brincadeiras, músicas, contações de história e cinemas. O papel da pedagoga neste momento de planejamento de atividades é de pensar em atividades para as crianças pequenas levando-se em conta seu interesse na brincadeira e que crianças se cansam e se dispersam com mais facilidade e por isso são planejadas mais atividades do que para o público mais velho.

Quando o público é de adolescentes e adultos também são feitos cinemas, apresentações artísticas. O museu também se preocupa em levar materiais, como filmes e histórias regionais, então nas contações de histórias além de trazer os clássicos da literatura infantil, também traz histórias com temáticas indígenas.

Figura 4 - Atividade com crianças de uma creche



Fonte: *Instagram* do Museu Amazônico, 2022.

No Museu Amazônico, a rotina de trabalho do pedagogo caracteriza-se na conferência das agendas e verificação dos eventos do dia, ou próximos e se houver verificar se falta algo se for de outra divisão do museu se ele precisa de algo, se está tudo pronto e se tem a arte de divulgação.

A divulgação dos eventos que irão ocorrer, receber e avaliar quais artistas podem se apresentar, conversar sobre suas disponibilidades também constituem atribuições deste profissional.

O plano museológico do Museu Amazônico diz respeito ao museu inteiro então, é feito por todos. O setor de educação organiza seu próprio planejamento feito por uma plataforma do Google, a agenda e por meio dela todos os profissionais do museu montam em conjunto a agenda e todos que tem atividades pedagógicas e culturais.

Então, se algumas das divisões do museu forem realizar uma atividade cultural ou evento científico este pode agendar e todos do museu podem ter esse controle do que irá ocorrer, mas quem media isto tudo é a pedagoga que é a principal responsável por fomentar ideias de atividades sobre alguma data do calendário.

Indícios mostram que antes da pandemia de covid-19, as mídias sociais do museu não eram utilizadas com frequência, apenas como forma de divulgação dos eventos. Inicialmente era utilizado o *Facebook* e depois veio o *Instagram*, ambos eram apenas um repositório, um lugar que se chamava o público para os eventos no museu.

Com a instalação da pandemia da covid-19, o trabalho do pedagogo no museu amazônico foi ressignificado, especialmente em virtude da pedagoga possuir também formação na área de Comunicação Social e de Tecnologia Educacional. O fato dela conhecer algumas ferramentas para utilização dos ambientes virtuais ajudou a conceber a produção dos materiais educativos como resposta ao cenário emergente.

Pesquisas realizadas no contexto amazonense da pandemia destacam que o trabalho pedagógico foi organizado com base nas tecnologias digitais da informação e da comunicação (TDICs), tendo alterado o cotidiano das práticas educativas. Nesta perspectiva, os conteúdos pedagógicos foram elaborados e repassados também por meio de aplicativos como *WhatsApp*, *Instagram*, *Facebook*, dentre outros (Silva, Silva, 2021; Negrão, *et al.*, 2022; Campos, 2023).

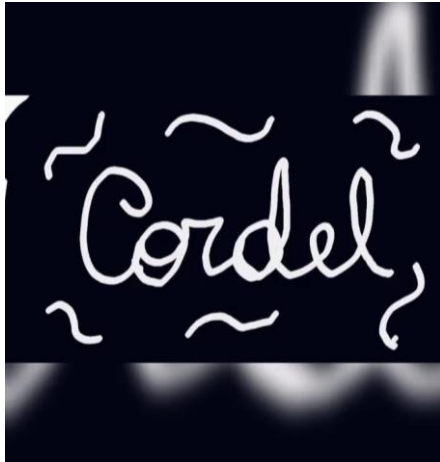
Desse modo, no Museu amazônico, as músicas, eventos culturais e artes realizadas no modelo presencial, com a pandemia começaram a ser promovidas em ambientes virtuais. Com isso, então, começaram a serem utilizadas as mídias sociais no desenvolvimento dos conteúdos pedagógicos de formato digital.

[...] A mídia se especializa em fazer cabeças, não apenas no campo econômico, político; especialmente no campo moral, vemos diariamente a veiculação de mensagens educativas, a disseminação de saberes e modos de agir através de programas, vinhetas e chamadas sobre educação ambiental, AIDS, drogas, saúde. [...] (Libâneo, 2001, p. 4).

Percebe-se que, as mídias do museu amazônico atualmente, principalmente no *Instagram* são mais do que somente um lugar de publicidade, exposição e de convite para o público, pois agora são desenvolvidos projetos pedagógicos que vão para o *Instagram* como o “Museu Amazônico em Cordel” que foi um projeto de extensão da Escola Normal Superior da UEA em que se falava da pandemia através do cordel.

Da mesma maneira, ocorre com projetos de produção de vídeos que tratavam sobre assuntos das ciências, ISTs, AIDS. Conteúdos digitais que estão na página do Museu e que os professores podem utilizar. Mesmo após a pandemia continua-se sendo produzido conteúdos digitais.

Figura 5 - Projeto de Extensão  
"Museu Amazônico em Cordel"



Fonte: *Instagram* do Museu Amazônico, 2021.

Figura 6 - Informativo sobre IST's



Fonte: *Instagram* do Museu Amazônico, 2021.

O uso das mídias aproxima o público da instituição, pois com o acesso do que é exposto no museu pelas plataformas digitais o público consegue interagir com o museu e suas obras, utilizando-se as ferramentas disponíveis para comentar, curtir e compartilhar com seus seguidores.

Os registros fotográficos utilizados em eventos do Museu Amazônico são utilizados para promover o museu, no passado eram tiradas as fotos das crianças nos eventos e postados, agora há um maior cuidado para a proteção das crianças, quando o convite é feito para as escolas visitarem é encaminhado junto uma autorização de imagem para ser postado nas mídias, caso não haja essa autorização não se pode ser postado a foto do rosto da criança, é postado ou de costa, ou embaçado, ou com tarjas, mesmo este não sendo o modelo ideal que o museu busca adotar segundo a pedagoga, considerando as pesquisas com a infância que dizem que as crianças devem ter protagonismo, então tampar o rosto das crianças seria diminuir seu protagonismo, então é papel do pedagogo no museu providenciar os instrumentos para dar visibilidade para essas crianças que vão visitar, como os termos de consentimento livre e esclarecidos pedindo para ser divulgada as fotos e falas das crianças que ocorram durante o evento.

A maior dificuldade de um pedagogo no museu ou em um espaço não formal é do profissional de se situar disso neste contexto, pois a graduação prepara o profissional pedagogo para atuar especialmente em escolas, e quando chega no

museu, precisa buscar conhecimento mesclando o que se leva da universidade e ressignificando e aprimorando cada vez mais.

A função educativa do Museu Amazônico se faz de extrema importância, pois o este trabalha com temas da região que vai desde a arqueologia até os temas atuais, é um museu histórico, antropológico, arqueológico e que agora com esse diálogo com a pedagogia, a pedagogia está dando visão para esse saber as outras ciências e procura trazer de uma forma didática e envolvente para o público o acesso ao conhecimento, e o museu amazônico tem um acervo muito importante nas áreas de arqueologia, antropologia e na história da Amazônia, de histórias que por muito tempo foram silenciadas e é um trabalho do pedagogo do museu na visita guiada ou em eventos científicos, e até mesmo em rodas de brincadeiras contar a história, buscando contar de uma forma lúdica, tanto por meio das visitas guiadas quanto por histórias, apresentações artísticas, e isto é feito por meio de planejamento para ver qual a melhor forma de conduzir cada evento ou visita guiada.

Acreditamos que o Museu Amazônico apresenta um grande potencial pedagógico para o Ensino de Ciências. O conjunto de atividades desenvolvidas por aquele espaço, a condição de um espaço físico apropriado (mas que, com certeza, merece algumas melhorias) e a atuação dos profissionais contribuem significativamente para o desenvolvimento de suas atividades (Maciel, 2013 p. 106).

O acervo do museu amazônico é de grande importância para o conhecimento da Amazônia, tem o laboratório de arqueologia que é o segundo mais importante da América Latina, além disso, o acervo também conta com a história do cinema brasileiro de Silvano Santos, o primeiro cineasta do Brasil. A biblioteca do museu que também é um espaço não formal, possui seu acervo bibliográfico, e o setor de documentação. Possui um acervo riquíssimo e potente para entender-se a região, cultura e identidade do indivíduo.

### **2.3 *Instagram* do Museu Amazônico**

Analisando o *Instagram* do Museu Amazônico, observa-se que este possui uma ampla gama de informações e informes. Nota-se que não é apenas um local de divulgação de eventos, de cursos e rodas de conversas, mas também, há

carrosséis de informações, registros de atividades realizadas, portfólios de artistas, exposições das coleções do museu e de sua estrutura.

Figura 7 - Postagem com informe sobre experimentos



Fonte: *Instagram* do Museu Amazônico, 2021.

Figura 8 - Projeto Musical - Arraial de Manaós



Fonte: *Instagram* do Museu Amazônico, 2023.

Com a análise dos dados, é possível observar que suas publicações possuem constância e conteúdo, além da preocupação em descrever e explicar cada ação. No ano de 2023 uma de suas primeiras postagens contava com um uma arte de divulgação sobre suas novas exposições nomeadas de “Origem da noite”, “Cem Pilum: a história do dilúvio” e “Memória dos filhos de Waraná” e anunciava sua programação expositiva para o ano de 2023.

Figura 9 - Exposição de obras produzidas pelas etnias Dessana e Sateré Mawé



Fonte: *Instagram* do Museu Amazônico, 2023.

Budge e Burness (2018) realizaram um estudo sobre a interação do público com os objetos de museu por meio do *Instagram*. Eles enfatizaram que, apesar de esse campo de pesquisa ainda ser pouco explorado, esses estudos são essenciais para compreender como as pessoas interagem com os museus.

A partir da realização do levantamento das postagens de ações publicados no *Instagram* do Museu da Amazônia consegue-se observar que o museu recebe uma quantidade expressiva de estudantes da faculdade, para participar de palestras e demais eventos que acontecem e são divulgados. São eventos pensados para estes públicos e que com a divulgação por este meio virtual chegam no público alvo, por isso, há uma necessidade do uso das redes sociais por parte das instituições.

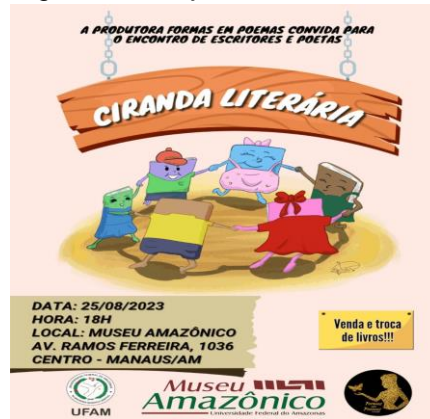
Nesse sentido surge, por parte das instituições de ensino, a necessidade de se inserirem nestas redes digitais, como forma de se aproximarem dos alunos-usuários. Para tanto, devem ser criados grupos, páginas, eventos, aplicativos, com o intuito de desmistificar tais ferramentas educativas e também a ideia de educação ultrapassada ou arraigada às tendências, fazendo com isso um aproveitamento das possibilidades educacionais que esses recursos possam oferecer. Em torno disto, os alunos são convidados a refletirem e conhecer melhor os ambientes virtuais em que estão inseridos socialmente, complementando assim, essa forma de aprender com as demais tecnologias educacionais presentes no ambiente escolar, a exemplo do livro didático (Santos; Santos, 2014, p. 322).

O pedagogo necessita estar sempre em constante aprendizado em todos os campos que estiver inserido, isso vale para o pedagogo que atua em Museus e que precisa conversar com seu público. Saber o que funciona e não funciona para o seu público, qual a busca maior em quem deseja visitar o museu, as redes sociais possuem um papel importante.

As redes sociais digitais, como resultado da introdução das telecomunicações nas escolas passam a ser instrumento e conteúdo ao mesmo tempo. De fácil acesso, ocasionam dentre outras coisas a comunicação e a informação imediata, de acordo com as atividades dos usuários. Resta saber se são dinamizadoras de novos conhecimentos e para chegarmos a uma ideia comum é importante investigar a opinião dos usuários (Santos; Santos, 2014, p. 325).

Recebe os projetos, um deles é o “Projeto Ciranda Literária” onde acontece um encontro de escritores, poetas e apreciadores de literatura e tem o objetivo de socializar livros, textos de qualquer gênero literário e mobilizar a população para a prática da leitura, também ocorre trocas de livros neste momento.

Figura 10 - Projeto Ciranda Literária



Fonte: *Instagram* do Museu Amazônico, 2023.

Quando se analisa este evento, muitas camadas desta prática educativa estão presentes, desde a ideia do nome “Ciranda literária”, fazendo articulação entre uma brincadeira de roda típica do folclore brasileiro, e com a literatura, contações de histórias:

Podem ser entendidas como práticas educativas atividades tais como: visitas “orientadas”, “guiadas”, “monitoradas” ou mesmo “dramatizadas”, programas de atendimento e preparo dos professores, oficinas, cursos e conferências, mostras de filme, vídeos, práticas de leitura, contação de histórias, exposições itinerantes, além de projetos específicos desenvolvidos para comemorar determinadas datas e servir de suporte para algumas exposições (Falcão, 2009, p.16).

O Museu organiza um curso intitulado de “Oficina de Produção Audiovisual – OPA” que atualmente 10 turmas já foram formadas, primeiramente é aberto um formulário na ferramenta *Google Forms* para o público se inscrever, divulgado no *Instagram* uma arte junto com o *link* para inscrição.

Figura 11 – Postagem de inscrição para a Oficina de Produção Audiovisual (OPA)



Fonte: *Instagram* do Museu Amazônico, 2023.

Além dessas oficinas também há projetos que convidam artistas para formações e trocas de experiências, sendo bastante visível na rede social do Museu amazônico, a visibilidade que o Museu busca dar para os artistas locais.

Outras divisões do museu também recebem visitas, no Art. 42 do Regimento Interno do Museu (2007) atribuiu que as divisões realizações de pesquisas, atividades de formação e de extensão, assim oferecendo serviços à comunidade no meio de atuação do museu, tendo como exemplo caso da divisão de arqueologia que recebe em seu laboratório os estudantes, a pedagoga faz o intermédio para esse espaço receber as crianças.

O museu participou da Primavera dos Museus, uma iniciativa promovida anualmente pelo Instituto Brasileiro de Museus (Ibram) no início da primavera. Esse evento envolve museus e instituições culturais de todo o Brasil. Os eventos realizados contaram com eventos tanto virtuais como virtuais.

Figura 12 - Programação da 17ª Primavera dos Museus

<p><b>BIBLIOTECA</b> 18/09 a 21/09 - 09h às 16h Biblioteca do Museu Amazônico - Portas abertas para o conhecimento. MUSEU AMAZÔNICO - Presencial</p>	<p><b>RODA DE CONVERSA</b> 18/09 - 14h às 16h "Cosmologia Dessana" com o Sr. Miguel Lana. Divulgação do livro de sua autoria "Minha História". Coordenadores: Bruno Trece/ Lillian Lima. MUSEU AMAZÔNICO - Presencial</p>
<p><b>PODCAST</b> 18/09 a 30/09 - 08h às 10h Leituras "Brasil-Angola". Podcast. Luiz Guilherme Melo e Octávio Bengui. Redes Sociais - Virtual</p>	<p><b>AÇÃO EDUCATIVA</b> 20/09 - 09h às 10h "Coleção no museu: integrando conhecimentos científicos com saberes do cotidiano". Proponentes: Jhanatan Xavier, Armando Brito. MUSEU AMAZÔNICO - Presencial</p>
<p><b>RODA DE CONVERSA</b> 19/09 - 14h às 16h Exposição "Filhos do Guarani", em cartaz no Museu Amazônico, com os curadores da exposição. Coordenadores: Bruno Trece / Lillian Lima MUSEU AMAZÔNICO - Presencial</p>	<p><b>CURSO</b> 21/09 - 08h às 10h30 Divulgação científica. "Museu Amazônico: Entre conhecimentos científicos e populares sobre plantas medicinais". Caroline Brandão Gonçalves e Leandro Dutra. MUSEU AMAZÔNICO - Presencial</p>

Logo de apoio: SMT, Ibram, Ministério da Cultura, Governo Federal Brasil.

Fonte: Instagram do Museu Amazônico, 2023.

É possível analisar o movimento do museu para inserir a população na arte a terem contato com a arte, há registros das atividades no museu, mas também em diferentes lugares, como no projeto rodas de leitura manauaras que realizou esse traslado até uma comunidade ribeirinha para desenvolver uma manhã de mediação de leitura com participação dos moradores da comunidade, o projeto além de levar a literatura, exibiu filmes e realizou oficinas de desenho.

Figura 13 - Projeto Rodas de Leitura Manauaras



Fonte: *Instagram* do Museu Amazônico, 2023.

Também é notado no *Instagram* do museu amazônico as realizações recentes, como: a descoberta de objetos indígenas antigos para estudo e que farão parte do acervo; participação em congressos e eventos; visitas de artistas, músicos, cineastas, escritores; informes sobre doenças sexualmente transmissíveis; lançamento de livros, tutoriais, isso tudo instiga a curiosidade nos seguidores do museu, sobre o movimento das redes sociais e a interação com o público:

Atualmente, com o desenvolvimento de redes sociais na Web, os Museus podem estender a sua atuação para além dos espaços convencionais, limitados pelas dimensões físicas, com a possibilidade de uma relação interativa entre o público e o ambiente virtual do Museu, inclusive alguns deles estão abrigados somente sob o suporte digital disponíveis na Internet. As redes informacionais de comunicação aumentam as oportunidades de acesso aos Museus, que por via digital podem disponibilizar seus acervos e se tornar conhecidos por um público bem maior e diversificado. Os Museus migram para os ambientes virtuais sustentados pelas redes digitais de informação, são fenômenos recentes, que no ciberespaço alimentam a cibercultura (Gonçalves, 2014, p. 37).

O conhecimento na sociedade contemporânea destaca-se pela sua natureza dinâmica, impulsionado pela constante circulação nas redes digitais de informação e comunicação. Diversas formas de expressão simbólica se encontram no ciberespaço, criando um variado conjunto de saberes interdisciplinares.

Ocorreu a 21ª Semana Nacional de Museus, e é possível notar que a divulgação ocorreu com antecedência e por meio de artes limpas, claras e com informações de fácil localização, onde informava que tipo de evento era, o que seria abordado e o local, houve variadas ações educativas por meio do *Instagram* do Museu, como, por exemplo, as ações de tema o autor Thiago de Melo e suas obras, a ação ocorreu pelas próprias mídias do *Instagram* do museu. Neste mesmo informe

também foi divulgado encontros, exposições, sorteios e palestras que aconteceriam presencialmente na Universidade Federal do Amazonas, Localizada na Av. Gen. Rodrigo Octávio 6200, Coroado.

Figura 14 - Programação da 21ª Semana Nacional de Museus



Fonte: Instagram do Museu Amazônico, 2023.

É interessante se pensar como a maioria dos eventos pode acontecer de forma semipresencial, algumas atividades se adaptam ao formato virtual graças as ferramentas de encontro e reuniões como *Google Meet*, e que muitos alunos gostariam de participar desses eventos, todavia horários de estágio, trabalho e até mesmo o trânsito não permitem, considerando que muitos moram longe e em áreas de difíceis acessos.

A Internet tem sido um excelente meio de estabelecer a comunicação entre os museus e o público. Os suportes informáticos permitem a produção e vinculação de conteúdos e a realização de processos educativos de forte valor cultural (Gonçalves, 2012 p. 36).

Para o cargo de pedagogo, exige-se a adaptação de atividades para acontecer de forma presencial por meio de diversos métodos e ferramentas, cabe a este profissional associar as atividades com a possibilidade de realização. A pedagoga do museu Amazônico por ter em sua formação em áreas tecnológicas consegue conciliar e mediar esses eventos, cabe ao pedagogo de museu sempre

buscar se atualizar e se manter disposto a mudanças que podem ocorrer e se manter ativo em tecnologias que são seus maiores aliados no trabalho.

#### **2.4 Divulgação científica no Museu Amazônico**

A Divulgação Científica é um método de tornar o conhecimento científico acessível à sociedade, sendo feito em vários lugares e de várias maneiras para uma variedade de públicos. Segundo Bueno (2009, p. 162) compreende a “utilização de recursos, técnicas, processos e produtos (veículo ou canais) para a veiculação de informações científicas, tecnológicas ou associadas a inovações ao público leigo”.

"Os museus e centros de ciências têm recebido grande atenção dos pesquisadores pela potencialidade de envolvimento da comunidade escolar com a cultura científica", diz Jacobucci (2008, p. 57). Divulgar conhecimentos científicos contribui para a alfabetização científica. Portanto, devemos iniciar esse processo de alfabetização desde a infância.

Os museus, centros de ciências, planetários, zoológicos, parques, exposições, etc. são espaços que podem proporcionar condições para a educação não formal e informal, os quais a escola poderá estar utilizando para trabalhar os conteúdos previstos no currículo. Ademais, esses espaços estão abertos ao público, em geral, que pode ter acesso ao conhecimento científico de forma mais compreensível (Cascais; Terán, 2014, p. 8).

Atualmente, consegue-se divulgar os conhecimentos científicos de maneiras diversas, para indivíduos jovens pode acontecer por meio de brincadeiras, histórias, revistas, espaços de educação formais e os não formais de educação, centros de ciência, parques, exposições em museus entre vários outros espaços (Andrade et. al. p. 3).

Por um lado, pode-se pensar que essas informações que os cientistas produzem, ao passar por alterações para se adequar não chegar ao público de maneira fiel (Andrade et. al., 2016, p. 3). Entretanto, o papel do pedagogo e docente é mediar este diálogo com os alunos para uma aprendizagem que dialogue de maneira acessível e fácil compreensão para todos.

[...] os museus favorecem a educação científica dos estudantes, divulgam e buscam aproximar os saberes científicos, privilegiando o desenvolvimento da capacidade de perceber realidades diferentes da sua (Vasconcellos, 2016).

O conhecimento indígena pode ser divulgado por meio de objetos musealizados, informações impressas e atividades didáticas que imprimem a observação no museu por meio de mediadores ou professores da escola. Isso pode dinamizar o processo de aprendizagem. O museu amazônico pode ser uma estratégia de divulgação científica (Andrade et. al., 2016, p. 4). No entanto, Nogueira (2014) afirma que é necessário transformar o conhecimento científico em um conhecimento mais acessível aos destinatários da informação.

De acordo com a pesquisa realizada por Andrade et. al (2016) com pesquisas, áudios, verificou-se o potencial para divulgar os conhecimentos indígenas no Museu Amazônico pelo meio de seus elementos naturais e culturais em exposição.

“Essas ações são percebidas nas reações de cada criança no museu, os seus olhares de admiração, curiosidades, seus questionamentos e os gestos desenvolvidos por eles em cada local interno do museu. Estas observações confirmam que o museu possui uma dupla função que consiste em estimular a curiosidade do visitante e em despertar-lhe o gosto pela investigação pessoal (PROCTOR, 1973).” (Proctor, 1973 *apud* Andrade et. al., 2016, p. 7).

O trabalho do museu de revisitar memórias e não as deixarem cair no esquecimento, firmando suas raízes na atualidade, o museu traz uma sensação de acolhimento e volta ao passado, com suas exposições, desde o local já revitalizado, mas ainda sim com as estruturas originais, no térreo se encontra a exposição fixa.

O pensamento da modernidade moderna além da fundamentação humanista, privilegia o futuro como sendo um lugar de esperança, o novo conseguiu esse *status* de algo que é melhor, um momento alcançável e atualizado, com novos saberes e práticas (Pinheiro, 2004).

E a contraponto, as culturas locais são subjugadas, pelas culturas dominantes, pois acolher essas diferenças culturais atrapalhariam no livre comércio e na continuação da cultura colonizadora. Muitos meios facilitaram os esquecimentos das culturas, como os meios tecnológicos e interesses na ciência, por meio de expedições, por exemplo, entre os séculos XVII, XVIII e XIX (Pinheiro, 2004) que obtiveram grande quantidade de objetos durante suas expedições e que agora se encontram em museus metropolitanos, sendo assim, por muitas vezes é mais fácil encontrar elementos e informações sobre determinadas culturas em museus do que nas populações que foram “pesquisadas”.

Atualmente, por mais contraditório que possa parecer, os museus surgem como uma maneira de preservar a memória e juntar as culturas cultas, populares e de massa (Pinheiro, 2004). Eles contribuem para a desaceleração do avanço da obsolescência, servindo como local para debates entre a modernidade e a tradição, e para a divulgação de novas técnicas e ciências. Além disso, funcionam como espaços de entretenimento e espetáculos.

Nota-se que o Museu Amazônico atua como um local que guarda o passado e também como um espaço que o faz renascer, ainda que sua interpretação seja feita tanto pelos que o visitam quanto pelos que o administram, sem que a consciência do museu interfira na ordem simbólica “pois sempre haverá uma sobra de significado excedendo as fronteiras ideológicas, possibilitando ao museu ser um lugar de reflexão e preservação de uma memória contra hegemônica” (Pinheiro, 2004, p. 110).

Por isso, quando se preserva a memória social se conserva a memória da cidade, não apenas com prédios históricos, monumentos tombados, e edifícios bonitos, preservar a memória de uma sociedade é recuperar e manter viva sua cultura, manifestações culturais, religiosas, culinárias, resumidamente toda sua cultura local desses diferentes segmentos.

O Museu Amazônico, trabalha as memórias, usando de exemplo o dia 8 de março em que se comemora o dia internacional da mulher, em que publicou homenagens para três mulheres do Amazonas, cada uma com suas distinções, isso não somente resgata as raízes como também exalta a mulher amazônica a colocando como peça central de discussão.

Figura 15 - Postagem de homenagem ao Dia Internacional das Mulheres



Fonte: *Instagram* do Museu Amazônico, 2023.

Quando se observa essas interações com o público se vê bastante o fazer pedagógico em sua abordagem decolonial, sua homenagem ao dia da mulher foi para mulheres amazônicas, com base em seu acervo bibliográfico consegue recuperar as memórias do seu passado, que deixaram marca na história da nossa cidade. A designada pedagogia decolonial pode servir no campo educativo para aprofundar os debates em torno da interculturalidade, ou seja:

ao problema da "ciência" em si; isto é, a maneira através da qual a ciência, como um dos fundamentos centrais do projeto Modernidade/Colonialidade, contribuiu de forma vital ao estabelecimento e manutenção da ordem hierárquica racial, histórica e atual, na qual os brancos e especialmente os homens brancos europeus permanecem como superiores (Walsh, 2007, p. 9).

A potência de se ter um museu utilizando suas plataformas para divulgar tanto o conhecimento científico quanto a história do Amazonas e sua cultura e população é de um avanço tecnológico e intelectual imenso, pois possibilita desta informação alcançar diversas pessoas, como visto pelos comentários, foi de bastante entusiasmo e vontade de conhecer mais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após esta pesquisa, nota-se que o Museu Amazônico é uma instituição divulgadora de saberes amazônicos/indígenas para todas as faixas etárias. Observa-se que o museu realiza diversas programações com atividades pedagógicas diversificadas ao longo do ano. Algumas temáticas estão ligadas a datas comemorativas, mas em sua grande maioria, são atividades para enaltecer a arte e instigar o público à literatura, às artes, à música e ao audiovisual, por meio de rodas de conversa, cineclubes, oficinas e demais eventos, é aberto tanto para profissionais das áreas quanto para o público em geral.

Nota-se que, durante as atividades propostas há indícios de que o museu se utiliza de uma pedagogia crítica e contextualizada com elementos da decolonialidade. Decorre daí, a valorização de conhecimentos científicos em diálogo com os saberes tradicionais/populares. Desse modo, propõe incluir o indivíduo amazônida como a peça central de estudo, enaltecendo as práticas populares e inserindo os visitantes neste meio com atividades, filmes e contação de histórias com temática indígena.

Por outro lado, práticas de educação especial como por exemplo para pessoas com deficiências (PCDs) deve ser mais bem observadas nas instalações físicas do prédio. É preciso avançar nesse sentido, com acessibilidade na estrutura para PCDs, deve haver rampas ou outros meios de acesso tanto para adentrar ao prédio quanto para ter acesso ao andar da parte superior.

Durante as exposições os cartazes e placas informativas são bastante explicativos havendo *qr code* para acesso a tradução dos idiomas inglês e espanhol, todavia para uma pessoa com ausência parcial ou total da visão seria um empecilho, pois não há comunicação acessível e inclusiva, como por exemplo a escrita em braille nas placas informativas.

É de extrema importância o atendimento dessa necessidade, pois como se estuda durante a graduação de pedagogia, a inclusão garante a todos os indivíduos o acesso a oportunidades de aprendizado.

O pedagogo no museu deve realizar atividades em que todos os visitantes se desenvolvam juntos, e que haja empatia e respeito entre todos, um espaço em que o indivíduo consiga se locomover e ter suas próprias experiências de forma autônoma, pois é de extrema relevância para sua autoestima, responsabilidade e

habilidade. É necessário se pensar em atividades em que todos os visitantes tenham a oportunidade e recursos necessários para que haja o aprendizado durante a visita ou atividade que seja realizada

Em relação à sua rede social *Instagram*, mostra-se bastante eficaz no que se propõe: divulgar e fazer refletir. Os textos de suas postagens são sempre claros e objetivos, trazendo o conteúdo e as informações necessárias que se completam com a imagem publicada. Também se nota a responsabilidade do profissional que administra a conta, em sempre manter a constância, divulgar antecipadamente as atividades e apresentar uma boa escrita das informações de texto.

Nota-se a potencialidade do pedagogo nesse espaço museológico que vai além de somente planejar eventos, ele desempenha um papel ativo no processo de ensino dentro do museu. Com um olhar sensível e atento às necessidades e ajustes necessários em cada etapa do processo pedagógico, o pedagogo participa desde a escolha dos temas a serem abordados até a seleção dos profissionais, artistas e cientistas que ministrarão cursos ou atividades.

O pedagogo também é responsável pela escuta e entendimento das necessidades dos profissionais envolvidos e das escolas, identificando as demandas e dificuldades do público e buscando proporcionar um aprendizado eficiente. Seu trabalho é dinâmico e requer constante evolução para atender às demandas diárias. O Museu Amazônico consegue realizar a ligação entre o presente e o passado, atraindo o público de todas as idades, principalmente por atuar ativamente nas redes sociais.

Foi visto a necessidade de haver mais pedagogos nestes espaços, pois durante esses anos só havia um, tendo em vista o trabalho que se tem para planejar, pensar atividades, elaborar relatórios, realizar entrevistas, mediar visitas entre as demais atividades do cotidiano no museu, se vê necessário uma equipe pedagógica, pois por mais competente que seja o profissional pedagogo(a), os afazeres são demasiados, podendo causar exaustão no profissional, principalmente por só haver um profissional pedagogo no museu.

Nas pesquisas realizadas para este trabalho, consegue-se ver o quão vasto é o campo de atuação do pedagogo em Manaus, em espaços como: parques, museus, secretaria de cultura, hospitais, empresas, escolas de equitação, abrigos, tribunais entre outros. E em cada um desses lugares o pedagogo pode colocar em prática seus conhecimentos e habilidades em prol do meio que está inserido e sua

sociedade, o pedagogo colabora com estes lugares, realizando práticas educativas em ambientes não escolares.

A visão ampliada sobre o papel do pedagogo em espaços não escolares surpreende positivamente. A contribuição do pedagogo é, sem dúvida, imprescindível, e sua formação permite colaborar significativamente com a sociedade.

## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Alexandra Nascimento de; et al. Museu Amazônico: um espaço educativo para a divulgação científica com crianças. **SECAM - Simpósio em Educação em Ciências na Amazônia**. 6ª ed. Manaus, 2016.
- BATISTA, Ana Carla Schiavinato; ESTACHESKI, Joice. Pedagogia em espaços não escolares. **Londrina**: Editora e Distribuidora Educacional SA, 2019.
- BRAGA, Jezulino Lucio Mendes. Desafios e perspectivas para educação museal. **Revista museologia & interdisciplinaridade**, 2017. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/37340>. Acesso em: 20 de jul. de 2024.
- BRASIL. Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009. Institui o Estatuto de Museus e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 14 jan. 2009. Seção 1, p. 1. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2009/lei-11904-14-janeiro-2009-585365-normaatualizada-pl.pdf>. Acesso em: 13 de abr. de 2024.
- BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de Graduação em Pedagogia. **Resolução nº 1 de 15 de maio de 2006**. Brasília: MEC, 2006. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rcp01\\_06.pdf](http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rcp01_06.pdf). Acesso em: 05 de mar. de 2024.
- BRASIL. Ministério do Turismo/Instituto Brasileiro de Museus. **Portaria IBRAM nº 605, de 10 de agosto de 2021**. Diário oficial de união. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-ibram-n-605-de-10-de-agosto-de-2021-338090192>. Acesso em: 20 de jul. de 2024.
- BUDGE, Kylie; BURNES, Alli. Objetos de museu e Instagram: agência e comunicação no engajamento digital. **Continuum**, v.32, n.2, p.137-150, 2018. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/317595508\\_Museum\\_objects\\_and\\_Instagram\\_agency\\_and\\_communication\\_in\\_digital\\_engagement](https://www.researchgate.net/publication/317595508_Museum_objects_and_Instagram_agency_and_communication_in_digital_engagement). Acesso em: 29 de jun. de 2024.
- BUENO, Wilson da Costa. Jornalismo científico: revisitando o conceito. **Jornalismo científico e desenvolvimento sustentável**. São Paulo: All Print, p. 157-78, 2009.
- CAMPOS, Raimundo Sidnei dos Santos. A educação em saúde na escola nos cenários da pandemia pelo Sars-Cov-2 no estado do Amazonas. **Observatório de la economía latinoamericana**, [S. l.], v. 21, n. 3, p. 1636–1658, 2023. DOI: 10.55905/oelv21n3-026. Disponível em: <https://ojs.observatoriolatinoamericano.com/ojs/index.php/olel/article/view/451>. Acesso em: 22 jan. 2024.
- CASCAIS, Maria das Graças Alves; TERÁN, Augusto Fachín. Educação formal, informal e não formal na educação em ciências. **Ciência em tela**, v. 7, n. 2, p. 1-10, 2014. Disponível em: <http://www.cienciaemtela.nutes.ufrj.br/artigos/0702enf.pdf>. Acesso em: 13 de jul. de 2024.

CELLARD, André. A análise documental. In: POUPART, Jean et. al. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2012. p. 295-316.

CHAGAS, Mario de Souza; NASCIMENTO José Junior. **Subsídios para a criação de Museus Municipais** /Rio de Janeiro, RJ: Ministério da Cultura/Instituto Brasileiro de Museus e Centros Culturais/Departamento de Processos Museais, 2009. Disponível em: <https://www.gov.br/museus/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/guias-e-manuais/subsidios-para-criacao-de-museus-municipais>. Acesso em: 11 de jul. de 2024.

CURY, Marília Xavier. Educação em museus: panorama, dilemas e algumas ponderações/Education in museums: scenery, dilemmas and some weights. **Ensino em Re-Vista**, 2013. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/emrevista/article/view/23206/12747>. Acesso em: 25 de abr. de 2024.

FALCÃO, Andréa. Museu e escola: educação formal e não-formal. (2009). In, **TV Escola, Salto para o Futuro**. Disponível em: <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/storage/materiais/0000012191.pdf>. Acesso em: 11 de jul. de 2024.

FRANCO, Maria Amélio Do Rosário Santoro. **Pedagogia como Ciência da Educação**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/tTrp8ghXNwM5GdHrtF7zhLw/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 10 de maio de 2024.

FRANCO, Maria Amélio Do Rosário Santoro. Prática pedagógica e docência: um olhar a partir da epistemologia do conceito. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 97, n. 247, p. 534–551, set. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbeped/a/m6qBLvmHnCdR7RQjJVSPzTq/?lang=pt#>. Acesso em: 10 de maio de 2024.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

GINZBURG, Carlo. Sinais: Raízes de um paradigma indiciário. In: Carlo Ginzburg. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GONÇALVES, Carolina Brandão. Museus, espaços promissores à divulgação da Ciência: o caso do Museu Amazônico da UFAM. 2012. 104 f. **Dissertação**. Mestrado em Ciências da Comunicação. Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2012. Disponível em: <https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/2763>. Acesso em: 12 de jun. de 2024.

IBRAM. **Caderno da Política Nacional de Educação Museal**. Brasília, DF: IBRAM, 2018. Disponível em: <https://www.gov.br/museus/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/cadernos-e-revistas/caderno-da-politica-nacional-de-educacao-museal/view>. Acesso em: 20 de jul. de 2024.

IBRAM, **O que é Museu**. Disponível em: <https://antigo.museus.gov.br/o-que-e-museu/>. Acesso em: 17 de jun. de 2024.

JACOBUCCI, Daniela Franco Carvalho. Contribuições dos espaços não-formais de educação para a formação da cultura científica. **Revista em extensão**, v. 7, n. 1, 2008. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/366652431\\_Contribuicoes\\_dos\\_espacos\\_nao-formais\\_de\\_educacao\\_para\\_a\\_formacao\\_da\\_cultura\\_cientifica](https://www.researchgate.net/publication/366652431_Contribuicoes_dos_espacos_nao-formais_de_educacao_para_a_formacao_da_cultura_cientifica). Acesso em: 13 de abr. de 2024.

KÖPTCKE, Luciana Sepúlveda. Analisando a dinâmica da relação museu: educação formal. In: **Seminário sobre o formal e o não formal na dimensão educativa do museu**, 1. e 2., 2001, Rio de Janeiro. Anais [...]. Rio de Janeiro: MAST, 2001. p. 16-25. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/38672>. Acesso em: 12 de jun. de 2024.

KRAMER, Sonia. Produção cultural e educação: algumas reflexões críticas sobre educar com museu. In: KRAMER, Sonia; LEITE, Maria Isabel (Org.). **Infância e produção cultural**. Campinas: Papyrus, 1998. p. 199-215.

LAMEIRAS, Carla Sofia Mendes. Serviços Educativos em Contexto Museológico: Contributos da Educação Pela Arte. **Dissertação de Mestrado**. Universidade da Beira Interior (Portugal). 2023. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.6/13129>. Acesso em: 03 de jul. de 2024.

LEITE, Maria Isabel. Museu: espaço impulsionador de reconfigurações identitárias docentes. **Cadernos CEDES**, v. 32, n. 88, p. 335–350, set. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/czbqCZTNySnFnh8YyxRYg6m/#>. Acesso em: 05 de jul. de 2024.

LIBÂNEO, José Carlos. Pedagogia e pedagogos: inquietações e buscas. **Educ. Rev.**, Curitiba, n. 17, p. 153-176, jan. 2001. Disponível em: [http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010440602001000100012&lng=pt&nrm=iso](http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010440602001000100012&lng=pt&nrm=iso). Acesso em 26 de maio de 2024.

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e Pedagogos, para quê?**. São Paulo: Cortez, v. 5, 2007.

MARANDINO, Martha. Educação em museus e divulgação científica. **ComCiência**, n. 100, Campinas, 2008.

MACIEL, Hiléia Monteiro. O potencial pedagógico dos espaços não formais da cidade de Manaus. **Dissertação**. Curso de Mestrado em Educação em Ciências da Universidade do Estado do Amazonas – UEA. 2013.

MUSEU AMAZÔNICO. Apresentação. **Museu Amazônico**. Disponível em: <https://www.museuamazonico.ufam.edu.br/>. Acesso em: 18 de jul. de 2024.

Museu Amazônico [@museuamazonico]. Postagens [perfil do Instagram]. **Instagram**. Disponível em: <https://www.instagram.com/museuamazonico/>. Acesso em 23 de maio de 2024.

NEGRÃO, F. da C. *et al.* O ensino remoto emergencial em tempos de pandemia no Amazonas. **REAMEC - Rede Amazônica de Educação em Ciências e Matemática**, Cuiabá, Brasil, v. 10, n. 1, p. e22015, 2022. DOI: 10.26571/reamec.v10i1.13035. Disponível em:

<https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/reamec/article/view/13035>. Acesso em: 10 junho. 2023.

NOGUEIRA, Francinaldo Mendes. Divulgação Científica: Produção de vídeos com as crianças para a aprendizagem de ciências no Ensino Fundamental. 2014.89p. **Dissertação** (Mestrado em Educação em Ciências na Amazônia), Escola Normal Superior, Universidade do Estado do Amazonas-UEA, Manaus, 2014.

OLIVEIRA, Hélder. **As potencialidades didáticas das visitas de estudo: a percepção dos alunos sobre a aprendizagem desenvolvida**. 2013. Disponível em: <https://hdl.handle.net/10216/64778>. Acesso em: 05 de jul. de 2024.

PAIVA, Jacyara Silva de. **Caminhos do educador social no Brasil**. Jundiaí, SP: Paco Editorial, 2015.

PINHEIRO, Marcos José. **Museus, memória e esquecimento: um projeto da modernidade**. Editora E-papers, 2004.

PIZA, Mariana Vassallo. **O fenômeno Instagram: considerações sob a perspectiva tecnológica**. 2012. Disponível em: [https://bdm.unb.br/bitstream/10483/3243/1/2012\\_MarianaVassalloPiza.pdf](https://bdm.unb.br/bitstream/10483/3243/1/2012_MarianaVassalloPiza.pdf). Acesso em: 04 de jul. de 2024.

REIS, Maria Amelia de Souza; PINHEIRO, Maria do Rosário. Para uma pedagogia do museu: algumas reflexões. **Museologia e Patrimônio**, v. 2, n. 1, p. 36-46, 2009.

SANTOS, Irene da Silva Fonseca dos; PRESTES, Reulcinéia Isabel; VALE, Antônio Marques do, Escola nova, LDB e disputa entre escola pública e escola privada. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n. 22, p. 131-149, 2006. Disponível em: [https://www.fe.unicamp.br/pf-fe/publicacao/4901/art10\\_22.pdf](https://www.fe.unicamp.br/pf-fe/publicacao/4901/art10_22.pdf). Acesso em: 22 de jun. de 2024.

SANTOS, Valmaria Lemos da Costa; SANTOS, José Erimar dos. As redes sociais digitais e sua influência na sociedade e educação contemporâneas. **Holos**, v. 6, p. 307-328, 2014. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=481547175023>. Acesso em: 20 de jun. de 2024.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo, SP: Cortez, 2007

SEVERO, José Leonardo Rolim de Lima. Perspectivas curriculares sobre a formação do pedagogo para a educação não escolar. **Educação em Revista**, v. 34, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/h8tkMFRbkwbFMmmJzB9qp3K/#>. Acesso em: 10 de mar. de 2024.

SEVERO, José Leonardo Rolim. Educação não escolar como campo de práticas pedagógicas. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 96, n. 244, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbeped/a/SgHzCz9mYprkCV6RtTR368v/#>. Acesso em: 22 de fev. de 2024.

SILVA, I.R. da; SILVA, C. R. da. O projeto “Aula em Casa” e a educação remota durante a pandemia de COVID-19: análise da experiência do estado do Amazonas. **Revista Educar Mais**, v. 5, n. 1, p. 25-34, 2021. Disponível em: <http://periodicos.ifsul.edu.br/index.php/educarmais/article/view/2220/1683>. Acesso em: 10 abr. 2023.

SOUSA, Angélica Silva de; OLIVEIRA, Guilherme Saramago de; ALVES, Laís Hilário. A pesquisa bibliográfica: princípios e fundamentos. **Cadernos da FUCAMP**, v. 20, n. 43, 2021. Disponível em: <https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/article/view/2336>. Acesso em: 17 de jun. de 2024.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS. **Cultura/Museu Amazônico**. Disponível em: <https://www.museuamazonico.ufam.edu.br/apresentacao.html>. Acesso em: 23 de maio de 2024.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS. Museu Amazônico. **Regimento interno do museu Amazônico**. Manaus, 2007. Disponível em: <https://www.museuamazonico.ufam.edu.br/regulamento.html>. Acesso em: 18 de jul. de 2024

VASCONCELLOS, Camilo de Mello. A função educativa de um Museu Universitário e Antropológico: o caso do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. **Revista Cadernos do Ceom**, Chapecó, v. 18, n. 21, p. 289-301, 2005. Disponível em: <https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/view/2283>. Acesso em: 22 de jun. de 2024.

VASCONCELLOS, Regina Lucia de Souza. **Divulgação científica no Museu Amazônico: uma oportunidade de democratização da ciência**. 2016. Disponível em: [https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id\\_trabalho=3664650](https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=3664650). Acesso em: 12 de jul. de 2024.

WALSH, Catherine. **Interculturalidad Crítica/Pedagogia decolonial**. In: Memórias del Seminario Internacional “Diversidad, Interculturalidad y Construcción de Ciudad”, Bogotá: Universidad Pedagógica Nacional 17-19 de abril de 2007. Disponível em: [https://idoc.pub/documents/walsh-catherine-interculturalidade-critica-e-pedagogia-decolonial-dv1r22ky3xnz#google\\_vignette](https://idoc.pub/documents/walsh-catherine-interculturalidade-critica-e-pedagogia-decolonial-dv1r22ky3xnz#google_vignette). Acesso em: 08 de jul. de 2024.